O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, excepto Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 17 DE JULHO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

N° 1:369

OBRIGADO, MAGESTADE!

Desde o dia 4 de julho que sabemos que o *Povo de Aveiro* vae ser querelado. Não obstou a que no domingo ultimo escrevessemos com a mesma energia. E não servirá para que hoje, ámanhã ou alem nos expire nos bicos da penna a linguagem da verdade.

E' inutil. Nós somos — valha-nos isso! — dos raros, rarissimos, que n'esta terra tem plano e teem caracter. Temos lucidez de intelligencia para ver. E temos firmeza de caracter para querer. Sabemos o que queremos e *queremos*. E a um homem assim ninguem, nem coisa alguma, o faz parar.

E estamos velho. Com poucos annos de existencia a contar. Endurecido, e fortalecido, por uma vida tormentosa e pelo espectaculo constante da covardia e da vileza humana. E dispensando, por temperamento e habito, todos os gosos da vida e, até, todas as commodidades.

E' inutil. Quem chegou até aqui sem medo vae sem medo até á morte. Quem durante trinta annos pisou audaciosamente o rabo da vibora da inveja, do odio, da calumnia, do interesse baixo ou do despeito da insignificancia inchada como a rã da fabula, já está immune para todas as ferroadas.

O *Povo de Aveiro* está querelado? Pois bem. Muito obrigado, Teixeira de Souza! Muito obrigado, Zé Gatuno! Muito obrigado, amigo Cricas! Muito obrigado, Majestade!

Majestade, muito obrigado!

Oh, sim, muito obrigado! Isto não é fanfarronada. Isto não é a linguagem ignobil da jacobinada. Isto é sincero e é sério, rei de Portugal, como lh'o vamos provar. Mas com uma condição, imposta desde já pelo nosso brio e pela nossa sinceridade. E' que não consentimos que nos venha, agora, encher de lama a munificencia régia.

Isso não, rei de Portugal! Vossa Majestade pode-nos mandar processar. Não sabemos se Vossa Majestade inspirou essa ordem, ou não. Mas como a justiça, a auctoridade publica, fala sempre em nome de Vossa Majestade, falemos nós tambem em nome de Vossa Majestade. Vossa Majestade pode-nos mandar processar. Faltámos-lhe ao respeito? Offendemo-lo? Fizémo-lo dignamente. Umas vezes falta-se ao respeito e offende-se, descendo. Outras vezes, subindo. Nós subimos. Mas offendemo-lo? Mas faltámos-lhe ao respeito? Mande-nos processar. E' justo. Vil seriamos, como os republicanos, os chamados republicanos, se, por isso, increpássemos Vossa Majestade. Era prova de que, ao offende-lo, ao desrespeita-lo, nos fiavamos ou pensavamos na impunidade. E' justo. Mande-nos processar. Mas o que nos vexa, o que nos deprime, o que nos enche de lama é a idéa de sermos ámanhã attingido, como os assassinos do irmão e do pae de Vossa Magestade, pela annunciada amnistia.

Basta de lama, rei de Portugal!

Nós não somos processado senão pela defesa calorosa da causa da ordem e da moralidade. Nós não somos processado senão por termos sido na imprensa a voz mais energica e terrivel contra os desordeiros, os arruaceiros, os charlatães, os bandidos que, tendo posto e disposto sempre d'esta terra desgraçada, d'ella põem e dispõem ha dois annos com um cynismo, um descaro, uma insolencia, uma affronta que, tem-se visto, não offendem os homens, os pulhas que se dizem homens n'esta patria miseravel, mas tem offendido e offendem as pedras das calçadas.

Eu não sou processado senão por isso, rei de Portugal! E até ahi, os que me processam estão rigorosamente na logica dos pulhas e na logica dos factos.

Ha vinte annos, todo este paiz se agitou n'uma onda de colera. Justificada ou não justificada, ordenada ou desordenada, certo é que ella attingiu todos os patriotas. Eu fui com ella. Eu conspirei. Era militar. Era official do exercito. O governo transferiu-me de regimento. A minha collocação no novo regimento inhibia-me de conspirar. E eu queria conspirar. Pedi passagem á inactividade. Concederam-m'a.

A breve trecho reconheci que não lidava com conspiradores, com republicanos, com patriotas, mas com especuladores, charlatães, ambiciosos vulgarissimos, traficantes, gatunos, ladrões, parvos. Tudo isso, *pêle-mêle*. N'uma misturada ignobil. E fiz o que não fez nenhum d'esses *grandes homens*, José Elias, Latino Coelho, Souza Brandão, José Falcão, Theophilo, Consiglieri Pedroso, que a facilidade louvaminheira d'esta terra exalta e glorifica a toda a hora. Romanticos, uns. Pescadores de aguas turvas, canalha encasacada, nem coração nem cerebro, a maior parte. Fiz o que não fez nenhum d'elles. O que nenhum d'elles teve intelligencia para ver ou caracter para praticar. Revoltei-me contra aquillo. Fulminei aquillo. Aquillo! Era . . . *aquillo!* Não havia alli uma *sinceridade*. Uma só sinceridade. Uma forte e grande sinceridade. Não havia alli . . . uma coragem. Empurravam-se, uns aos outros. Todos procuravam livrar-se e entalar o correligionario. Todos procuravam arrancar glorias aos outros, para ficarem com ellas e . . . com o interesse que ellas davam! A patria podia sossobrar. A democracia podia ficar vencida. Retrogradar. Preparar-se o terreno para o arbitrio ou a tyrannia. Mas era um chinfrim. Um grande chinfrim. E ha uma coisa fatal no chinfrineiro, como no bebedo, como no jugador, como em todos os predestinados para a inferioridade. O delirio do chinfrim . . . dominava-os. Arrastava-os. A' maioria. E os outros . . . encolhiam-se com medo dos chinfrineiros. Se a coisa pegasse, e *podia pegar*, os melhores fructos seriam para elles, chefes supremos, consagrados. Se não pegasse, a sua reputação de *homens d'ordem* salvaguardava-os. Miseraveis! O desprezo que eu tive, o desprezo que eu tenho por esses grandes homens! Perdão, por esses grandes miseraveis!

Só eu elevei a minha voz, energicamente, como sempre, contra a vergonhosa bambochata, contra a reles aventura, que previ como um desastre, que marquei, desde logo, a fogo, como um crime contra a democracia e contra a patria.

Pois sabe, senhor rei D. Manuel, quem foi o auctor d'aquillo? Fui eu! Fui eu, disse-o Navarro, em voz terrivel, nas *Novidades*. Eu era o cabeça! E o mais perigoso cabeça dos revolucionarios. José Elias . . . era o homem de ordem. E, como homem de ordem, ficou em casa. E eu, como homem de desordem, e o *mais perigoso homem de desordem*, fui preso e aferrolhado. Eu só! Eramos seis, os membros do Directorio. Só eu fui preso!

Nunca, por isso, quiz mal á monarchia, nem a Emygdio Navarro. Não o escrevo hoje. Escrevi-o logo. Eu quiz mal aos republicanos, que enganavam a monarchia e Emygdio Navarro. A esses bandidos, que me chamavam traidor no campo republicano, e que me denunciavam como o mais terrivel republicano, como o mais perigoso revolucionario, ao campo monarchico! E só porque eu tinha a coragem e a lealdade de dizer o que pensava. Os miseraveis! Os grandes miseraveis!

Fui absolvido, porque tive bastante habilidade para pôr a descoberto a teia infame em que procuravam enredar-me. Mas perdi, mas desci, 89 logares na escala militar.

Collocado novamente em Lisboa, sabe-se n'esse Paço, onde reside Vossa Majestade, que nunca ninguem, nem de perto, nem de longe, me comprou, ou corrompeu. Vivi afastado dos republicanos. Mas vivi afastado dos monarchicos. Sabe-se n'esse Paço. Ha ahi pessoas que o sabem. E, entre ellas, a mãe de Vossa Majestade.

Tempos depois, em 1896, chefes republicanos visitaram-me. Não se lhes fechou a minha porta, porque eu nunca dei satisfacções, nem dou, á covardia geral, infame, d'esta terra. Eu nunca tive medo, nem tenho, que se deturpassem as minhas intenções ou os meus actos.

Deturparam-se. E eu sabia-o. E eu esperava-o. Se amanhã entrasse em minha casa Teixeira de Souza, José Luciano, ou qualquer figura em evidencia na politica monarchica, era porque eu... estava comprado. Era certo. Nem por isso, deixaria d'entrar. Porque se ha covardia que me metta nojo, é essa. Essa covardia, esse medo, geral, que todos teem n'esta terra, essa satisfacção á calumnia, á maledicencia reles, á escoria social, é, para mim, a maior prova da fraqueza, direi mais, da prostituição aviltante do caracter nacional.

Deturparam se, sim, as minhas intenções, os meus actos. Eu aconselhava os chefes republicanos. Dizia-lhes lealmente, como sempre, o que pensava. Suppoz-se logo que eu novamente conspirava! E emquanto os chefes republicanos ficavam tranquillos, descançados, em suas casas, eu, a pretexto d'um insignificante caso disciplinar, era preso, mettido no Castello de S. Jorge, preparando-se tudo para, em castigo da minha honestidade e sinceridade politica, ser, militarmente, garrotado. Não foi então. Mas foi mais tarde.

A minha honestidade, a minha sinceridade, a minha lealdade, nunca mereceram, diga se bem alto, senão castigos e infamias de toda a ordem a republicanos e monarchicos.

Defendendo-me bravamente, energicamente, lucidamente, como sempre, sem modestia, porque tenho a suprema consolação de poder declarar que foi sempre precisa a traição, a cilada, para me *trilhar*, pois nunca ninguem me venceu cara a cara, no campo da logica e da verdade, defendendo-me bravamente, energicamente, lucidamente, não tiveram remedio senão abrir-me a porta do Castello de S. Jorge. E mandaram-me correr regimentos, por esse paiz fóra. Fui. E sem ter commettido, jámais, um acto deshonesto dentro dos quarteis, aproveitei o tempo que me restava das obrigações do regulamento militar, para fazer jardins, para explorar nascentes e canalisar as aguas, para ensinar a ler soldados, emfim, para civilisar. Dei todo o meu tempo, a minha intelligencia, a minha actividade ao Estado. Não colhi senão odios. Era o que eu colhia de todos esses meus serviços, de todo esse meu trabalho! Colossal trabalho! Era o que eu colhia. E de republicanos e monarchicos!

O que se seguiu, está na memoria de todos porque é de fresca data. Eu espalhei principios, n'esta gazeta, ás mãos cheias. Eu doutrinei. Eu aproveitei os meus conhecimentos para instruir os meus leitores, que sabiam menos do que eu, em geral. Na imprensa jornalistica, ninguem me excedeu n'esta missão. Ao mesmo tempo, combatia. Era a feição dominante do meu caracter. E se algumas vezes animava e louvava os chefes republicanos, nunca deixei de os censurar, dizendo-lhes, rudemente, a verdade.

João Franco tinha-me dado, na opposição, a impressão d'um pantomineiro. Combati-o vivamente. Mas, subido ao poder, comecei a ver que me tinha enganado. Se não era inteiramente sincero, havia n'elle um fundo manifesto de sinceridade. Ao passo que não havia nenhuma nos republicanos, que, de *parti pris*, facciosos, ultrajantemente facciosos, desaforadamente o atacavam. Fulminei-os. Puz em relevo a sua vileza. Patenteei a sua hypocrisia. Apregoei a sua falta d'auctoridade. E d'ahi ... o rancor com que se preparou, se combinou, se armou a cilada Affonso Costa.

Foi-me inteiramente impossivel encontrar esse bandido. Impediu-m'o o governo, ou o juiz Veiga, correndo em auxilio de Bombardino Rachado.

Por outro lado, nunca me neguei a acceitar o duello. Devia-me negar, dada a minha propaganda n'esse sentido, e a honradez e sinceridade com que sempre procurei harmonisar as minhas palavras com os meus actos. Mas tive a fraqueza, a unica fraqueza de que me arrependo, de me não negar. Acceitava-o com repugnancia. Mas acceitava-o. Não obstante, um conselho de generaes, onde os havia imbecis e torpes, nenhum com as provas de dignidade e de coragem que eu tantas vezes tinha dado, acceitou e sanccionou a cilada dos republicanos. Sempre alliados na infamia! Sempre os republicanos a triumphar!

Por defender a verdade em 31 de janeiro, fiquei passando por traidor e desci 89 logares na escala militar dos officiaes da minha patente e da minha classe. Por defender a verdade, tão offendida quando João Franco subiu ao poder, fui reformado e fiquei . . . *desqualificado!*

Não bastava. Faltava-me atacar a maior iniquidade e a maior indignidade d'esta terra: o ultimo dos pulhas, arvorado pela covardia indigena, pela repellente covardia indigena, em symbolo . . . do cavalheirismo nacional. Fui para a Torre de S. Julião e vi-me coagido a pedir a demissão, ficando á mercê d'isso que se chama opinião publica, e cujas fluctuações caprichosas, tantas vezes estupidas, tanto me podem dar riqueza como deixar-me, amanhã, morrer de fome.

Ainda não era tudo. Faltava, D. Manuel, o ultimo acto. E' agora!

Eu não devia nada a seu pae. Devia-lhe aggravos. Justos ou injustos, devia-lhe aggravos. Eu estava condemnado á morte pelas sociedades secretas do partido republicano, quando seu pae e seu irmão foram assassinados. E era tão facil assassinar-me! . . . Comtudo, não tremi. Fui o unico publicista, o unico jornalista que, no primeiro instante, não tremi. E estigmatisei, eloquentemente, a iniquidade, a infamia commettida com D. Carlos. Entretanto . . . ah, D. Manuel, que não lhe quero recordar, mais uma vez, a conducta que Vossa Majestade seguiu em face do cadaverde seu pae!

Mais de dois annos sustentei, arriscando a minha vida hora a hora, um combate desegual, sem exemplo, não já na historia d'este paiz, mas na historia do mundo. Eu só, d'um lado. Um milhão, do outro. Um combate terrivel, pavoroso, em que tantas vezes, D. Manuel, procurei incutir-lhe a coragem que lhe faltava. Foi inutil. Vossa Majestade, dizem que por medo invencivel, depois de dois annos de fraquezas, acabou por abdicar, definitivamente, nas mãos dos assassinos de seu pae. Que me mandam agora processar, a mim, por offensas . . . a Vossa Majestade!

Seria caso para rir, D. Manuel, se não fosse . . . profundamente logico. A logica da hypocrisia, que tambem a tem, a logica dos pulhas e a logica dos factos. E por isso mesmo não o censuro, rei D. Manuel. Por isso mesmo só lhe digo, e a Teixeira de Souza, e a Zé Gatuno: Obrigado!

Era indispensavel esta nota, este final de drama, de drama ou de comedia, para ficar bem definida, na sociedade portugueza, a minha missão e a minha individualidade.

Obrigado, Majestade!

Até aqui não tenho de que me queixar. Vossa Majestade acabou de assignalar, honradamente, o meu logar. Mas como andam já por aqui a cochichar, os meus amigos, que serei attingido pela amnistia que vae absolver os arruaceiros, os pulhas, e os assassinos de D. Carlos, permitta-me um pedido, rei D. Manuel. Não macule o meu nome com tamanha indignidade!

Vossa Majestade desforça-se. Ou o agente do ministerio publico em nome de Vossa Majestade. Tem pleno direito a desforçar-se. Portanto, tem pleno direito a cobrir-me de multas ou a metter-me na cadeia.

Faça, d'esse modo, mais uma vez, o jogo dos malandros. Faça, que não me confunde, assim, com esses miseraveis. Mas misturar-me com elles na amnistia, não, que é um verdadeiro attentado. A' minha honestidade. A' minha sinceridade.

Não me atire lama, rei de Portugal!

Respeite ao menos a minha sinceridade.

O amigo Cricas

. . . *Sr. Redactor*

Como leitor assiduo do seu jornal vou dar-lhe uma informação, que naturalmente não será nova em folha para o *Povo de Aveiro*.

Sabe-se que está vaga a embaixada em Roma, junto ao Vaticano. Não é novidade nenhuma para ninguem que ha varios pretendentes de que os jornaes já teem publicado os nomes, mas só teem fallado em dois com mais insistencia: o Pimentel Pinto e o Arroyo.

Na ultima situação Beirão tratava-se tambem, como de cousa resolvida, do Alarcão, que em tempos foi ministro dos Extrangeiros. Mas não tenho lido em parte alguma o nome do Wenceslau de Lima.

Pode ter a certeza de que este é quem vae.

Pode ter a certeza de que o preço da subida ao poder do Teixeira de Souza foi a nomeação de Wenceslau para Roma; favores de tal ordem não podem ficar de graça. E isto lhe explicará a despedida abrupta do Vilhena que se prestava a formar ministerio sem dissolução, e que por tal signal ia dando com tudo em droga, e a chamada subita do Souza a quem foi concedida a dissolução, cousa que nunca o Rei concedera a ninguem.

A subida de Teixeira de Souza custou-lhe a nomeação do *Cricas*, — mas o Arroyo, que já está inteirado do caso, esbraveja, ameaça e isto tem demorado e demorará a nomeação.

O Souza não sabe como calar a bocca do Arroyo e ao mesmo tempo satisfazer os seus compromissos.

Se lhe aproveitar alguma cousa publique a carta d'este seu

Assignante.

Lisboa, 10 julho.

Calcinhas, Ceroilinhas & Fraldinhas

Perguntam-nos:

«Quem é *Ceroilinhas*, quem é *Fraldinhas*, a quem V. faz referencia no artigo *Grave?*»

Esse baptismo fez-se aqui em 19 de abril de 1909. E é d'este theor o assento.

Ceroilinhas tinha-se casado catholicamente. Foi de pasmar, sendo Ceroilinhas anarchista e seu illustre sogro . . . anti-clerical e grão-mestre da maçonaria. O Ceroilinhas, que anda a buzinar aos ouvidos da Europa, na revista internacional *Les Documents du Progrès*, que isto é a terra por excellencia dos inimigos do throno e do altar!

Fraldinhas, illustre cunhado, poderia ter salvo agora o mau effeito do acto de Ceroilinhas. Não senhores. Casou-se . . . catholicamente. E, como se fôra pouco, Calcinhas, pae de Fraldinhas e sogro de Ceroilinhas, acaba de mergulhar o vigesimo ou trigesimo filho . . . na pia baptismal.

No emtanto, Calcinhas, Fraldinhas e Ceroilinhas continuarão a proclamar a emancipação religiosa e a fazer a apologia do registo civil; e os do registo civil e mais *livres-pensadeiros* continuarão a entoar hosannas a Calcinhas e mais inhas da familia dos Calcinhinhas.

E não querem que digamos que isto de republicos é a corja de farçantes mais sem vergonha que tem apparecido n'esta terra!

Ceroilinhas, portanto, é o cidadão Angelo Vaz, genro do Presidente. E *Fraldinhas* é o cidadão Antonio Machado, filho do dicto.

Concordem que estão bem apanhados!

Os nomes são syntheticos! Physiologica e psychologicamente definem-nos, em meia duzia de lettras!

Ceroilinhas, Fraldinhas, e. . . mais inhas da familia Calcinhinhas!

Desculpem a immodestia: mas que bella synthese!

Entendamo-nos

Não temos, nem nunca tivemos o menor proposito de fazer campanha contra a rainha ou contra o rei. O que não deixamos, na linha do nosso programma, do nosso temperamento e das nossas tradicções, é de dizer a verdade e de falar rudemente e lealmente por se tratar da rainha e do rei. E' só isto!

Somos republicano. Mas, dada a natureza do partido republicano, consideramos o triumpho d'esse partido n'este instante como um verdadeiro desastre democratico e uma verdadeira desgraça nacional. Ha muito que a republica estaria proclamada se fosse outro o partido republicano. Não é a republica que causa repugnancia ao exercito, ao clero, á burguezia, emfim, ás altas classes da nação. E' o partido republicano.

Fosse este composto de gente séria, honesta, com senso e tino pratico, intelligente, d'aquella

forte e proba intelligencia que tanto rareia n'esta terra, que intelligencias superficiaes e prostituidas não faltam cá, e a republica seria já, incontestavelmente, um facto consummado. Mas o partido republicano portuguez é tudo quanto ha de mais insensato, de mais idiota, e, ao mesmo tempo, de mais pulha. E d'esse modo se torna a monarchia, não obstante a sua fraqueza e decadencia aviltante, uma *triste necessidade de momento.*

Entendamo-nos, porem: para isto é necessario que a monarchia *não desça abaixo* do partido republicano. Senão, não. Poderemos, n'esse caso, não defender, e não defenderemos de modo algum, o partido republicano. Mas não só não defenderemos, tambem, a monarchia, como é nosso dever, então, atacar a monarchia.

E' certo que, já o dissémos, D. Manuel tem attenuantes na maneira porque resolveu a ultima crise ministerial. O ministerio progressista *não prestava para nada.* Os homens que o compunham não queriam assumir responsabilidades. Estavam mortos por abandonar o poder. A questão do *Credito Predial,* sem envolver directamente o ministerio, indirectamente compromettia-o bastante e a todo o partido progressista. Mas, peor do que isto, era sanccionar o triumpho dos dissidentes e dos republicanos. Era consagrar os arruaceiros da camara dos deputados, n'uma palavra, a *desordem,* mais uma vez, como arbitro dos destinos nacionaes.

Isto era peor do que tudo.

Só quem não vê um palmo adeante do nariz não reconhecerá que sem restabelecermos fortemente o prestigio da auctoridade, sem pormos, com mão de ferro, cobro á anarchia que nos invadiu e nos domina, *não ha maneira de viver.*

Soffre com isso a agricultura, a industria, o commercio, a *vida toda de nação.* E' impossivel, inteiramente impossivel, progredirmos. Tudo estaciona. Até que vem a estagnação e a morte.

Uma nação prospera pode resistir a isso algum tempo. Uma nação assoberbada por difficuldades de toda a ordem, como a nossa, succumbe de repente.

Isto é elementar. Repetimos: só o não vê a myopia d'espirito mais absoluta. Só não se incommoda com isso a mais baixa prostituição de caracter.

Ora D. Manuel, querendo talvez fugir a um perigo, foi cahir n'um perigo muito maior.

Sinceramente? Não sabemos. Mas não parece. E sinceramente ou não, as culpas e os erros dos reis não merecem a mesma benevolencia, pois as consequencias são muito mais desastrosas, que as culpas e os erros de qualquer homem.

Mas não parece, repetimos, que o rei andasse sinceramente. A sua subita reviravolta, na ultima noite, dá a entender que o rei curvou a cabeça a suggestões extranhas. Ou era comedia preparada de ha muito, como ainda no ultimo domingo se affirmava no *Povo de Aveiro,* ou o rei obtemperou a interesses e a influencias particulares.

Que fazer? Dizer que sua magestade é irresponsavel? E' indigno d'elle e indigno de nós.

O unico expediente, sério e levantado, é o que nós pozemos em pratica. E' censurar o rei, abertamente. E, das duas uma, ou o rei é um homem, e abre os olhos, ou, definitivamente, não tem capacidade para governar, e, então, acabou-se.

Acabou-se! Elle trata d'outra vida e nós procuraremos a melhor maneira de remediar esta desgraça.

Não faltou quem dissesse que estavamos vendido aos progressistas. Mas que nos importa a nós com o que se diz? Temo-nos vendido a tanta gente que já é difficil admittir que haja quem nos queira comprar. Vendido aos progressistas, vendido aos franquistas, vendido aos clericaes, vendido ao rei, porque tambem já estivemos vendido ao rei, vendido . . . á pata que os pôz!

Que nos importa a nós o que diz a imbecilidade ou a torpeza indigena? Uma só coisa nos importa: a licção e a logica dos factos. E esses falam tão eloquentemente a nosso favor que seria extremada tolice estarmo-nos a prender com os ditos da canalha.

Não temos ligações nenhumas com progressistas, nem com nacionalistas, nem com franquistas. E só embirramos com os regeneradores por elles se haverem convertido n'um bando demagogo a fazer causa commum, escandalosamente, como fez, com os republicanos.

Todas as allianças com os republicanos eram possiveis, e até beneficas para os progressos do paiz, se elles se prestassem a collaborar com a monarchia nos problemas e questões que interessassem á nação. Mas vista a attitude revolucionaria, intransigentemente revolucionaria, portanto dissolvente, dos republicanos, toda a alliança com elles é um desastre.

E d'ahi o erro do rei. O seu erro indesculpavel.

Com todas as suas fraquezas, indecisões, pusillanimes receios, começava o ministerio progressista a tomar uma attitude de manifesta hostilidade aos republicanos. E, por isso, a guerra atroz que estes lhe moveram. Ora essa hostilidade comprehendia-se. Era uma necessidade e um acto de dignidade. O que não se comprehende é a attitude do governo regenerador, chegando á baixeza extrema de nomear republicanos para os cargos publicos de confiança.

Não confundamos tolerancia com bandalhice. Em parte alguma do mundo se permitte que um funccionario publico seja um politico militante contra as instituições vigentes. Isso não é tolerancia. E' bandalhice. Não se permitte, não se poderia permittir tal bandalhice em parte alguma do mundo, porque em todo o mundo se toma a peito a regularidade e disciplina dos serviços, e d'ahi não resultaria, como succede em Portugal, senão um relaxamento vergonhoso, uma espantosa anarchia. Os funccionarios publicos a conspirarem contra as leis e regulamentos que deveriam cumprir! A fazerem o descredito dos homens e das ordens a que deveriam obedecer! Só em Portugal.

Só em Portugal succede o facto espantoso que succedeu ha dias no ministerio da justiça! Ou antes, o facto dá-se, tem-se dado em outros paizes. Mas só em Portugal se encara com benevolencia ou indifferença um caso como esse. N'outro paiz, a sensação teria sido enorme e as providencias, pelo menos destinadas a evitar a repetição do attentado, promptas e decisivas.

O caso do ministerio da justiça teve, ao menos, a vantagem de *ser conhecido.* Porque, de resto, as inconfidencias são, em quasi todas as repartições publicas, *o pão nosso de cada dia.* Os republicanos estão senhores de todos os *segredos do Estado.* A todas as repartições, a todos os serviços, levam a perturbação, a desordem, a anarchia.

Isto é incontestavel. Ninguem o ignora. Mas só se permitte n'este vergonhoso paiz.

Só n'este vergonhoso paiz se tolera que um funccionario do governo civil, que pode fazer as vezes de secretario geral e de governador civil, seja republicano militante. Socio de clubs republicanos, collaborador de gazetas republicanas, camarada ostensivo de republicanos, affirmando solidariedade com elles publicamente!

Só n'este vergonhoso paiz se vae buscar um homem ás gazetas republicanas, apregoado por ellas como correligionario e amigo, para administrador de concelho e commissario de policia!

Só n'este vergonhoso paiz um administrador de concelho e commissario de policia é *publicamente* agente do ignobil pasquim, pittorescamente conhecido por *Cornetim do Margarido!*

Só n'este vergonhoso paiz, o rei, o representante das instituições vigentes, sancciona, approva, favorece, promove, actos d'essa natureza. Pode ser rei de Portugal? Merece o nome de rei? Que o diga a consciencia publica.

Só n'este vergonhoso paiz o rei é *impotente* contra as inconfidencias escandalosas sahidas da sua propria casa. Varias vezes, muitas vezes mesmo, o orgão official da prostituição republicana se tem referido ao que se passa dentro do palacio real. Muitas vezes com mentira, pois sabe-se que o miseravel papelucho nascido dos prostibulos não hesita em inventar infamias e em propalar calumnias. Mas algumas vezes com verdade. Toda a gente que conhece o *intimo* da vida portugueza sabe quando os villões falam verdade e quando elles mentem.

Quem, do palacio real, informava *minuciosamente,* de coisas passadas nos *gabinetes e alcovas,* a gazeta fundada pela Margarida das Flores, alimentada, ao nascer, com o oiro dos prostibulos? Quem?

Como se admitte que o rei não tivesse meios, recursos, de descobrir o informador e de o mandar expulsar, a chicote, do palacio real?

O facto não se deu uma vez nem duas. Um caso isolado comprehendia-se. *Deu-se e dá-se sempre.*

Pode ser rei de Portugal um homem que até para descobrir os traidores que o cercam se mostra incapaz ou impotente?

Quando se fez isso no tempo de D. Carlos? Das duas, uma. Ou o rei o sabe, e *consente,* ou não é *capaz de o saber.* De qualquer forma é tremenda a sua responsabilidade perante a consciencia publica.

Não temos proposito, repetimos, de abrir campanha contra o rei ou contra a rainha. Não queremos mal nenhum ao rei, não queremos mal nenhum á rainha. O que queremos é *ordem e decencia.* Entendamo-nos: o que nós queremos *é ordem e decencia.*

Queremos *situações claras.* Queremos definir este ponto preciso: *tem ou não tem o rei capacidade para manter a ordem e a decencia no governo da nação?*

Eis o caso!

Se tem, cumpra o seu dever. Nada de complacencias, nem de transigencias, n'esse ponto. Cumpra o seu dever. Sériamente o seu dever.

Se não tem, rua. Então temos tudo a ganhar com que a situação *sem demora* se defina.

O paiz não pode esperar. O seu estado agonisante não admitte delongas.

O rei é *capaz?* Estimaremos que o seja. O que nós queremos é que o seja.

Não é capaz? Então procuremos os meios, se ainda os ha, de salvar isto.

Mas para qualquer d'estas hypotheses é preciso fazer o que estamos fazendo ha trez semanas: chamar para o caso a attenção do rei e de todo o mundo.

Por *distracção* e por *esquecimento* teem ido muitas vezes os homens e as nações parar ao abysmo.

Syndicancia!

O *caso* do lyceu do Funchal não pode, de forma alguma, considerar-se um *caso morto,* não é, de modo algum, um assumpto liquidado.

Muito embora, ao que no *Seculo* se escreveu, o conselho escolar do pretendido estabelecimento de ensino secundario tivesse decidido que a *manifestação* fôra expontanea e, portanto sem se poderem apurar responsabilidades . . .

Já se avançou alguma coisa em se ter o dito conselho reunido, coisa que não é muito frequente, mas devemos confessar que a sua deliberação, a ter sido o que disse a folha da rua Formosa, representa o que ha de mais extranhamente vergonhoso para um conselho escolar.

A manifestação teria sido expontanea, teria sido tudo o que as inclitas criaturas quizerem, mas d'ella resultou nem mais nem menos do que o seguinte: a incompatibilidade criada entre um professor e os alumnos e o abandono forçado d'esse professor da cadeira que no lyceu lhe pertencia, por direito de concurso.

Como regula, como entende dever regular o conselho a situação criada a esse seu collega por virtude da manifestação expontanea que lhe fechava na cara as portas do lyceu, na presença do proprio reitor, cujo prestigio é tanto que nem, ao menos, n'essa occasião se conseguiu impôr aos rapazes?

De que forma legisla o conselho escolar para um caso como este de grave perturbação e indisciplina?

Declarando expontanea a *manifestação!*

Mas a manifestação foi uma insubordinação grave, foi um desacato sem precedentes na historia picaresca d'aquelle lyceu, foi a exauctoração moral do reitor, foi ainda, em grande parte, a condemnação do corpo docente do estabelecimento . . .

Em face d'isto, pergunta-se, o que faz a direcção geral de instrucção publica, o que faz o ministerio do reino?

Sim—porque não é só dizer: aquelle professor *não serve* no Funchal? arruma-se em qualquer parte, e vivam lá pela ilha em boa paz. Não, senhores.

Dir-se-ha que a direcção geral, dir-se-ha que o ministerio do reino collaboram com o conselho escolar do lyceu, o qual, por sua vez, faz causa commum com os meninos, como se acaba de vêr pela decisão de agora.

O caso do lyceu do Funchal não foi uma manifestação expontanea, como mentirosamente se diz, foi uma insubordinação grave, que o conselho escolar não soube ou não quiz dignamente reparar como lhe era dever.

Não será licito suppor que o conselho escolar, procurando cobrir com a sua auctoridade o bando de discolos, quizesse significar ao professor perseguido que lhe negava, em absoluto, a sua solidariedade.

Isso seria um cumulo, seria a mais baixa das baixezas, uma vilissima covardia de que esses homens, quaesquer que sejam os seus defeitos, quaesquer que tenham sido as suas responsabilidade no descalabro mental e moral d'aquella escola, não seriam capazes.

E' bem natural que alguns professores não vissem com bons olhos o seu collega Ferreira Botelho. Pelo menos os que, descuidando-se um pouco do cumprimento dos seus deveres, teem por norma de vida não se malquistar com Deus mas tambem não dizer mal do Diabo, o que muitos traduzem: não criar attritos na vida . . .

O reitor, esse, não se conta para o caso. E' homem capaz de se desfazer em zumbaias diante de quem quer que seja, para meia hora depois . . . esquecer tudo o que dissera.

E' o tal que tendo o filho em Coimbra a quando da gréve e sabendo que o rapaz, afastando-se um pouco dos exemplos caseiros, tinha acompanhado os seus camaradas expulsos, não encerrando matricula antes da sua reintegração na Universidade, dizia, indignado, que não mandára o filho para Coimbra, para aprender dignidade, mas sim para tirar o curso de direito . . .

Para aprender dignidade não é preciso vir a Coimbra, de accordo . . . Na Madeira, mesmo, se aprende a que basta . . . para ser, por exemplo, reitor do lyceu . . .

Mas no conselho escolar não haver ninguem que pozesse nitidamente, dignamente a questão! Lembrando que o conflicto aberto não se resolve por uma decisão do conselho, fazendo vêr que emquanto se não inquirir, imparcialmente, do caso, em todos os seus pormenores, a normalidade escolar não terá sido restabelecida.

A normalidade escolar apparente, bem entendido, visto como verdadeiramente não ha uma normalidade escolar n'aquelle desastrado lyceu, onde todos, do reitor aos alumnos, fazem o que querem sem saberem por vezes o que hão de, o que lhes cumpre fazer.

Ha, no entanto, uma direcção geral de instrucção publica, ha um ministerio do reino, mas é como se nada d'isso houvesse n'este interessante paiz . . .

Os factos occorridos no lyceu do Funchal são graves, não podiam ser mais graves.

Os alumnos expulsaram um professor, a quem ameaçaram até de morte, os alumnos desrespeitaram, insultaram, exauctoraram o reitor, intimidaram—é o termo proprio, o conselho escolar e, afinal, os poderes dirigentes permanecem indifferentes a tudo isto!

Diga-se então com sinceridade, confesse-se que não ha auctoridade sufficiente para fazer entrar na ordem certos serviços publicos portuguezes, assente-se, de uma vêz, em que não é possivel em Portugal liquidar com dignidade, com imparcialidade, com altivez, uma questão publica. Pois então esse professor Ferreira Botelho é expulso da sua cadeira por uma malta de desordeiros que se revoltam mais por espirito de indisciplina do que por outra coisa —quem sabe mesmo se recebendo inspiração de cima?—e, em vista da indecisão, da timidez, da duplicidade do reitor, não ha ninguem nas estações superiores que tome conta do caso!

E', realmente, preciso que se tenha descido muito para que não appareça um homem, um só, nas estações officiaes superiores decidido a tomar a serio este caso e a chamar para elle a attenção dos camaradas descuidosos . . .

A deliberação do conselho escolar do lyceu do Funchal, a ser o que o *Seculo* informa, representa uma imbecilidade e uma prova de extraordinaria fraqueza e sendo a condemnação dos homens que a tomaram é uma verdadeira cilada armada ao professor Ferreira Botelho, é uma simples traição a um collega e a um collega que tinha sobre muitos dos outros a vantagem de querer ensinar e sobre alguns a vantagem de saber a materia que ensinava, prenda de que nem todos alli—para não falar só do plumitivo analphabeto que professa a lingua de Schiller pela grammatica do Appell —se poderão com verdade gabar . . .

O conselho escolar foi, pois, de uma covardia revoltante, simulando querer ser de uma bondade apreciavel, mas esqueceu-se de que o seu acto veio completar a serie intermina de pifias façanhas que teem desacreditado aquelle lyceu.

E' preciso, pois, que as estações superiores se convençam de que ha no lyceu do Funchal, não só pelo que respeita ás ultimas occorrencias mas ainda pelo que toca a factos anteriores, materia que sobeja para syndicancia.

E a syndicancia é, sob todos os pontos de vista, indispensavel, é a unica maneira porque uma direcção geral com vontade de acertar, porque um governo com a nitida comprehensão dos seus deveres se podem informar do que foi a tal *manifestação expontanea.*

Lisboa, julho.

J. de C.

Assim é que é!

Houve um julgamento em Lisboa. O do porco sujo que se diz director do orgão official da prostituição republicana.

Não discutimos a sentença. Se foi violenta ou excessiva, se não foi, não sabemos. Não conhecendo nada do processo nem das condições do julgamento, seria tolice aventar opiniões a respeito da sentença.

Mas durante esse processo houve um incidente. N.º 5 quiz falar a respeito de coisas varias. Quiz injuriar este e aquelle e aquell'outro. Quiz fazer discurso de comicio. E o juiz, que presidia ao tribunal, não o consentiu.

Ora assim é que é, sr. Juiz! Bravo, sr. Juiz!

Ha muito tempo que nós andamos indignado, e, comnosco, todo o mundo de bom senso, com os enormes abusos praticados por varios advogados, com pleno e escandaloso consentimento dos juizes.

Elles insultam as testemunhas, elles insultam as partes adversarias, elles dirigem insinuações a toda a gente, elles fazem berratas, elles fazem comicios, elles mettem tudo na arenga a proposito e a desproposito, enfim, uma coisa impossivel. E os juizes tudo consentem.

Ora o que é demais fede, srs. juizes. O n.º 5 diz que não queria açamo. Realmente, os cães ficavam offendidos. Valem mais do que elle. Pelo menos, não consta de cães que apanhem bebedeiras nem mettam as mãos nas algibeiras da gente. Alem de muitas outras, os cães teem essa vantagem sobre os homens. Não deem, pois, açamo ao homem, nem a nenhum.

Mas obriguem-nos a respeitar rigorosamente os direitos alheios e a decencia.

Ora isso é que é.

Mas quem merece maior censura não são os advogados. São os juizes.

Mais ordem, mais ordem, srs. juizes! Basta d'anarchia.

Uma amostra

. . . *Sr. Director.*

Tem V. no seu energico e bem redigido jornal posto a nu o *catonismo* de alguns *soi disant* republicanos, no louvavel intuito de expurgar o trigo do joio, e por essa razão lhe vou narrar o seguinte:

Ha uns *bons tres annos* um grupo de individuos, em evidencia no republicanismo, de que faziam parte o feminista Magalhães Lima, Gonçalves Neves, empregado publico para receber o execrando dinheiro da monarchia, Botto Machado, um utopista palrador, e outros, constituiram-se em commissão para organisarem uma companhia, empresa ou quer que seja com o fim de construir um *palacio para reuniões,* e para tal fim emittiram umas acções, pagas em prestações, a primeira das quaes cobraram em abril de 1907. Pagaram-se 5 ou 6 prestações e depois . . . depois até hoje, nem mais novas nem mandados houve.

Diz-se que o cobrador fugira com as *msssas,* que a subscripção não attingira o capital preciso, etc., etc. O que porem é verdade é que os parvos que largaram os cobres, não sabem o destino que elles levaram.

Aqui tem V. um exemplo, uma pequena amostra de um pequenino *credito predial* republicano.

De V. admirador convicto,

Herbert Simas.

Homem Christo

Parte ámanhã para o Rio de Janeiro, a bordo do vapor *Amazone,* o filho mais velho do director d'este jornal, que se encontra em Lisboa desde terça-feira ultima.

Do Rio de Janeiro seguirá para outras cidades do Brazil, depois para a Argentina e outros paizes da America.

Vae em serviço de propaganda da revista *Cosmopolia.*

Desejamos-lhe saude e felicidades.

O rei dos elixires

Se um dia alguem metter hombros á ingrata tarefa de estudar a indole, fins e acção corrosiva na sociedade portugueza do nosso partido republicano, com certeza que não desattenderá o accentuadissimo facciosismo da seita jacobina. Porque os senhores republicanos julgam que na sociedade portugueza para se ser homem probo, talentoso e tudo o mais é indispensavel ter-se tomado o elixir jacobino, possuidor de mirificas qualidades para metamorphosear um mediocre n'um talentosissimo cidadão.

Assim é ver-se: homens que não passavam de uns nullos para a seita demagogica, pelo simples facto de serem monarchicos, são agora exaltados nas gazetas da grei, por se decidirem a tomar o incomparavel elixir.

Se hontem eram delapidadores dos dinheiros publicos *(sangue e suor do povo),* são hoje os honradissimos cidadãos; se eram tacanhos de intelligencia são agora os intelligentes correligionarios; se possuiam baixos sentimentos são os grandes caracteres e finalmente se eram cobardes tornaram-se os valorosos amigos capazes de tudo sacrificarem pela *sagrada causa da revolução.*

Abençoado elixir este, capaz de tão maravilhosos resultados!

Os effeitos d'este poderoso especifico, fazem-nos lembrar um réclame que em tempos ahi andou ao chocolate Mathias Lopez, e no qual se viam duas figuras representando o mesmo individuo, antes de o tomar e depois.

Em antes, estava elle muito abatido, macillento e acabrunhado; depois já se encontrava gordo, sadío e rubicundo como uma romã, por effeito immediato do chocolate.

Comtudo ha uma differença: o elixir jacobino engorda intellectual e moralmente, ao passo que o chocolate é só physicamente. Mas o mais curioso é que os effeitos d'elle só duram emquanto é tomado, pois logo que cesse o seu uso, o prestantissimo cidadão transforma-se n'um miseravel apostata capaz das maiores infamias.

E então é ver os elexiristas cobrindo o desertor dos epithetos mais affrontosos e felicitando-se mutuamente por se verem livres d'aquelle, que tão prejudicial podia ser *á sua nobre causa.*

Está claro que um elixir d'estes não podia passar sem propaganda, e este tem-na mas em grande escala.

Não é feita na praça publica, onde se annunciam os seus congeneres que matam pulgas, tiram nodoas, dores de dentes etc., mas sim nos acanhados centros demagogicos, nas bouças e quintaes.

Ora é n'estas sessões de propaganda, onde se mostra quaes seriam os beneficios que traria ao paiz o famoso remedio, se fosse applicado politicamente a Portugal.

Seria uma verdadeira cornucopia de graças que se derramaria sobre esta famosa terra,

Elle extinguiria o *deficit,* augmentaria as receitas (sem impostos nem emprestimos de especie alguma, quer dizer: sem dôr), desenvolveria a agricultura, augmentaria o exercito e a marinha, elevaria o ordenado ao funccionalismo mal pago, exterminaria o analphabetismo, poria o bacalhau a seis vintens, etc. etc.

Todos estes beneficios são apregoados de cabelleira ao vento em phrases bombasticas, candentes de enthusiasmo e prenhes de *commiseração pelas pobres classes desprotegidas.*

O auditorio enthusiasmado, se entende duvida de tanta felicidade junta, se não percebe (o que quasi sempre succede) finge entender applaudindo furiosamente o que o orador lhe apresenta como o rei dos elixires.

O precioso balsamo é apresentado em frasquinhos capsulados com barretes phrygios e rotulados com etiquetas vermelhas e verdes, possuindo a effigie do seu preparador e principal propagandista, um individuo de barbas alvissimas cuidadosamente aparadas em ponta.

Os prospectos indicando a forma como deve ser applicado, são distribuidos á entrada.

O que é lamentavel é o elixir salvador ser unico no seu genero, e privativo dos demagogos portuguezes, porque do contrario não existiriam tantos paizes com a sua vida economica tão sériamente abalada e tão improgressivos.

Sempre devemos ser muito invejados!

Porto

F. Ramos.

De Nenhures

15 de Julho.

Passeio muito pouco. Não tenho tempo para passear. Alem d'isso, incommoda-me cada vez mais o espectaculo dos homens e das coisas portuguezas.

Assim, não se imagina a impressão que me causa uma estrada entre muros, ou um campo despido d'arvoredo. Eu não sou velho. Muito velho, pelo menos. E, em 40 annos, que vandalismo!

Cem vezes, um milhão de vezes tenho perguntado a mim proprio: mas em que temos nós progredido? Isto não é caturrice de velho. Creio que não haverá homem da minha edade, e, repito, se não somos meninos não somos velhos, que não esteja de accordo commigo.

Em que temos nós progredido?

Na vida do sentimento, não. Hoje ha muito mais egoismo, muito mais torpeza do que havia. D'antes—ha cincoenta annos—ninguem justificava os attentados, verdadeiros attentados ao coração e até á natureza, que hoje se justificam. Ninguem acceitava immoralidades de variadas ordens com a facilidade com que se acceitam actualmente.

Na vida das idéas, tambem não. Os romanticos tinham as idéas mais largas, mais generosas do que nós temos.

A vida das idéas liga-se sempre com a vida do sentimento.

Não me venham dizer que certas doutrinas de emancipação e rebeldia representam um progresso d'idéas e um progresso de sentimentos. Representam mas é o progresso do utilitarismo.

Hoje tudo se subordina ao egoismo, ao utilitarismo. E por isso mesmo as *idéas novas* condemnam a resignação como uma demonstração d'inferioridade humana. Resignação, para os *ultras,* é synonimo de abjecção. Um homem tem pouco dinheiro? Não se resigna com a falta de dinheiro. *Arranja-o.* Porque meio? Por todos os meios. Um homem gosta de luxo? Luxa. Um homem ou uma mulher, está visto. Onde se diz homem pode-se dizer mulher.

Resignação com a pobreza, com a simplicidade dos costumes, com o trabalho, não ha. A tendencia geral é para acabar com tudo isso.

Ha muita obra d'assistencia social. Ha manifestações superficiaes de *solidariedade.* No fundo, ha mais *dureza.*

Amor livre, divorcio, sob a mascara da liberdade, querem só dizer: *egoismo.* Egoismo! Egoismo!

Fala-se no divorcio na Allemanha, na Inglaterra, e n'outros paizes. Veio com a Reforma! Foi uma conquista da nova moral religiosa! E' outra coisa. Todas as innovações mornes com cunho religioso teem outra solidez. Não é um religioso que está a falar. E' um livre pensador. Mas a moral do livre pensador exige um forte caracter e uma forte intelligencia, ou não tem valor nenhum. A moral religiosa, sim. Porque tem um freio e uma recompensa.

Isto falando em geral. Falando em relação a Portugal é um horror, como vinha dizendo.

Progredimos nas artes? Progredimos nas lettras?

Nas lettras! Ha oitenta annos que não viamos uma miseria assim.

Materialmente, Lisboa melhorou. Melhorou o Porto. Melhorou Coimbra. Em compensação, as estradas, os campos, mettem medo.

Eu já disse uma vez que em se chegando a certa edade, e quando se viveu muito, ou vida de prazeres ou vida de trabalho, ou vida de alegrias ou vida d'amarguras, quasi que só se vive do passado. Quem nos recorda o passado? Morreram os nossos amigos, quasi todos. Extinguiram-se os nossos amores. Apagaram-se os fogachos e acabaram os folgares da juventude. Só existe uma coisa. Só poderia existir, se o não derribasse a mão d'um barbaro. A arvore, que abrigou as nossas travessuras e brinquedos de creanças, ou que ouviu as nossas expansões de amizade e as nossas declarações d'amor.

As frescuras da fonte e do arroio, que mitigaram a ardencia do nosso cerebro exaltado e do nosso coração em fogo.

A arvore tem, d'essa forma, um alto valor de sentimento. Não se impõe apenas pela utilidade ou pela esthetica. Não serve apenas ao viandante ou ao artista que percorre a estrada onde ella cobre com a sua sombra ou deleita com a sua formosura. E' o unico companheiro—quasi o unico—o amigo leal, o livro aberto e vivo que nos resta ao escorregarmos, alquebrados, tropegos, com os olhos velados, o espirito cheio de trevas e o coração cheia de nuvens, na sepultura.

Falando com ella, quantas vezes tornamos

a amar e quantas vezes perdoamos! Não odeamos nunca. Ou perdoamos, ou amamos. Quantas vezes reparamos uma ingratidão, um esquecimento ou um aggravo!

E' ella que nos traz á memoria um amigo esquecido e uma amante que atraiçoámos, ou que nos atraiçoou. Para perdoarmos, apagadas as cinzas da paixão, ou para nos penitenciarmos pela saudade, pelo remorso, pela dôr. A sua influencia é sempre de paz. Doce, calma, justiçeira, como é proprio da sua frescura, da sua belleza, e da sua grandeza.

Pois acabaram-se. Não ha arvores, já, em Portugal! Isto dá idéa d'um povo que espera a toda hora a trombeta do juizo final.

Havia aqui um largo, que lindo largo! chamado de S. Sebastião. Era coberto de alamos gigantescos. Desappareceu. E a Fonte dos Amores, que estava ao lado, d'envergonhada sumiu-se. Ainda lá está uma bica rachada e ferrugenta a deitar agua n'um tanque em ruinas. Mas a Fonte dos Amores, a lendaria Fonte dos Amores, envergonhada, corrida, mirrou-se, apagou-se, sumiu-se. Já ninguem a conhece! Já ninguem pronuncia o seu nome! E, tambem, é o que vale. Para ella, que nos conhece. Para nós, que a conhecemos. Acabou-se tudo!

Ao lado corria a formosa estrada d'Arada. Que imponencia! Que belleza! Quem a viu e quem a vê!

E tudo assim. Comoros, mattas, vergeis, tudo acabou, tudo extincto. Agora é muros, muros, muros, vinha, vinha, vinha, isto é cemiterios, cemiterios, cemiterios!

Homens bebedos, cambaleando, com a cova, aberta já, á espera d'elles.

Que tristeza, vêr isto!

C.

Correios

Como aqui dissémos, foram transferidos *todos os empregados* do correio de Aveiro, desde o director até ao ultimo distribuidor. E o fiel castigado com 100 dias de suspensão, um aspirante e um distribuidor com trinta dias cada um, cumpridos nas terras para onde foram transferidos.

Isto deu logar, tem dado logar, á especulação politica de varias gazetas, que clamam, berram e descompõem.

E' para que o sr. Cibrão, e o sr. conselheiro Alfredo Pereira, saibam o que se ganha com a *benvolencia*. E' isto!

O sr. Cibrão, que é tido e havido como um funccionario exemplar e homem dignissimo, fez a sua syndicancia com o maior escrupulo. Onde encontrou provas, fez obra por ellas. Onde não as encontrou, não procedeu, embora com a *certeza moral* de que eram verdadeiros os factos apontados publicamente.

Mas como fez o sr. Cibrão *obra pelas provas que encontrou?* Limitando-se a propôr tranferencias e suspensões, quando, *justamente*, deveria propor, pelo menos, a demissão.

Pelo menos, a demissão!

Todas as provas que o sr. Cibrão encontrou eram para *demissão*. E ainda com benevolencia. Senão relativamente a *todos* os empregados, porque as faltas d'alguns eram pequenas, relativamente aos que *berram* e *protestam*, porque, como sempre, são esses, agora, que, tendo feito o mal, fazem a *caramunha*.

O sr. Cibrão foi d'uma benevolencia extrema. D'uma benevolencia extrema foi o sr. conselheiro Alfredo Pereira. Pois ahi teem o resultado! Os homens não berravam mais, nem dirigiam mais injurias aos funccionarios superiores dos correios, se tivessem recebido . . . o castigo que mereciam.

Isto era a maior das poucas vergonhas.

E só agora se sabe tudo! Só agora! Como é das *praxes*, muita gente retrahiu-se durante a syndicancia, uns por dó dos miseraveis—aliás uma falsa e detestavel piedade—outros com receio de se comprometterem. Mas como a limpeza está feita e o castigo applicado, agora *diz-se tudo*.

Ora não ha duvida nenhuma que as correspondencias eram *escandalosamente violadas*. Abriam-se as cartas, liam-se, e commentavam-se, entre gargalhadas e chufas! Isto é espantoso. Mas é rigorosamente assim!

Arrancavam-se as estampilhas já servidas e aproveitavam-se novamente. Roubavam-se as amostras, e os valores contidos nas correspondencias. E assim por deante. Os auctores de todas estas proezas **eram republicanos.** Portanto, a par das maiores infamias, faziam comicios publicos na repartição chamando ladrões . . . aos outros! Prégando moralidade . . . para os outros!

Como republicanos, não *davam satisfacções a ninguem*. Pois se eram cidadãos livres! E como não davam satisfacções a ninguem, ao mesmo tempo que faziam quanto queriam, tratavam o publico . . . aos coices. *Espere se quer, se não quer adeante. Agora não estou para isso. Venha cá logo, se quizer.*

Isto quando se dignavam responder. Porque, muitas vezes. . . nem respondiam

Na linha da republica! Na rigorosa linha da republica!

Não ha **gatuno nenhum** que não tenha assentado praça na republica. Não ha **malandro nenhum** em Portugal, que não seja republicano por ser . . . cidadão livre!

Desde o Affonso Costa ao mais infimo correligionario, todos se julgam auctorisados a *roubar*, a *falsificar*, a *dar coices*, exigindo *rigorosamente* que os adversarios os respeitem . . . e admirem!

Todos querem que os adversarios sejam *honrados* e todos fulminam os adversarios se os adversarios . . . são patifes.

E' a regra do convento. E, por isso que é a regra do convento, não admira o que faziam nem o que fazem, dando-se agora por victimas, os bandidos que se encontravam no correio d'Aveiro.

A verdade, porem, é que era uma cafila, que estava pedindo, de ha muito, não transferencia e suspensão, mas Penitenciaria.

A *injustiça* do castigo está n'isso. Só n'isso. Transferiram-nos, suspenderam-nos, em vez de os metterem na Penitenciaria. Ou, pelo menos, em vez de os demittirem.

Agora clamam que os serviços do correio d'Aveiro estão n'um cahos. Ha irregularidades, ha faltas, e quem soffre mais com ellas é o *Povo de Aveiro*, pela sua grande tiragem e correspondencia. Não nos teem faltado, estas ultimas tres semanas, queixas e reclamações de todos os pontos do paiz. Mas tenham os nossos assignantes e correspondentes paciencia, que tudo entrará na ordem, em poucos dias.

Ha faltas, ha irregularidades que eram fataes, desde que todo o pessoal é novo, sem excepção dos distribuidores. Simplesmente, essas faltas são passageiras, e não permanentes, como as que havia. Essas faltas são filhas da inexperiencia dos serviços locaes, e não do crime, como as outras.

Se fossemos a attender a isso, nunca havia justiça! Todos os relaxados, ladrões e malandros ficariam impunes!

O sr. conselheiro Alfredo Pareira andou muito bem. Muitissimo bem. Só merece louvores. E quem mais lhos deve dar e agradecer-lhe o seu serviço é a população d'Aveiro, que estava á mercê d'um bando de patifes.

Pulhas todos

Emquanto que o rouxinol de Ceia, dr. Alonso, anda por Cauterets concertando as guelas, deixemos que Bruno e outros homens auctorisados digam das suas virtudes que as possue, como poucos, o cathedratico em leis e n'outras coisas.

Na *Voz Publica* n.º 3636, de 19 de janeiro de 1902, d'este modo se expressa José Pereira de Sampaio, *Bruno:*

"As declarações do dr. Affonso Costa ao partido republicano.

V

O sr. dr. Affonso Costa aggride, com covardia (insistimos no termo á mingua d'outro que melhor qualifique o acto pusillanime e irreflectido.) No local da aggressão houve um homem de bem, na acepção da palavra, austero n'uma educação civica de patrimonio, que experimentou uma revolta de indignação, e cujo fluido se transmittiu aos assistentes, tolhidos de pasmo, levantando-se, por esse motivo, em alvoroço vivo de hostilidade, que para logo se quedou na grande generosidade da alma popular, e aggressor contra um estabelecimento que, piedosamente, o acolhe na sua fuga pavorosa á policia, que foi complacente, desmentindo a presa e a amplitude dos seus famosos tentaculos quando se trata de qualquer esfarrapado cheio de justiça!. A esses é que é applicar as garras até á medula e estendelos nas taboas das enxovias . . .

O aggressor covarde, bem proximo do assassinato, porque é um impulsivo, notando-se no rosto da victima os vestigios de uma raiva implacavel, entra no estabelecimento com o rosto salpicado de sangue e com tremulos epileptiformes. Lava-se do sangue de *Bruno*. mas sem conseguir apagar o stigma que esse sangue repassou á sua alma.

Os seus instigadores ao delicto vão pedir n'um servilismo que imprime caracter, n'uma curvatura de quem se roça pelos burguezins, que clamaram, a um monarchico generoso e simples, que esquece ultrages, o ar da liberdade para quem só deveria respirar no ambiente dos criminosos.

Obtida a ordem de soltura pelo preço da bajulação, o sr. Affonso Costa parte para a redacção do seu jornal, e ainda com o systema nervoso em vibração, traça, depois da queda, uma declaração ao partido republicano. E, como o impulsivo que ainda não reconquistou a lucidez, diz ter a confiança dos homens de bem e do partido democratico, asseverando que continuará a castigar *pessoalmente* o que chama ultrages, como se os homens de bem e o partido da ordem e da liberdade pudessem consentir que, á sua sombra, se repetissem tão baixos e reprovados expedientes. E' o cumulo da pimponice o declarar-se reincidente, pois já havia sido dada contra o aggressor a sentença publica.

Se insistimos n'este ponto, é tam sómente para mostrar como o sr. dr. Affonso Costa se vangloriou da sua musculatura exercida sobre um organismo fraco, pois geralmente os homens que vivem do pensamento têm embotadada a energia para a lucta braçal.

Se o sr. dr. Affonso Costa tivesse a noção clara do seu deprimento acto, não appelaria sertamente para os homens de bem, nem ce atreveria, depois de desauctorisado pela opinião publica, a escudar-se com a confiança de seu partido para proseguir no regimen que adoptou afim de responder com vilanias á nobreza d'alma do seu antagonista, com superioridade de talento e superioridade de serviços á causa da democracia, como o confirma a vida publica de José Pereira de Sampaio.

Demonstramos, em face da propria declaração do sr. dr. Affonso Costa, que sua Ex.ª não pensou nos filhos no acto da exteriorisação do rancor para com o seu antagonista; mas deixemos os fóros intimos, que são invulneraveis envolvendo-os nós no mais sagrado respeito.

O facto é que o sr. dr. Affonso Costa no seu acto impulsivo—que a prudencia dos amigos devia evitar se não fossem todos umas cabeças levianas—no acto impulsivo, que todos lamentam não pensou nas responsabilidades de ordem publica que o prendem á cidade do Porto, a qual, n'uma hora de solemne desaffronta, lhe concedeu o diploma de deputado, confiada em que no seu representante se reflectia todo o seu sentimento democratico.

E um ex-representante da cidade, d'onde sahiu a primeira jornada para a conquista d'um novo regimen em que ha liberdade de pensamento e campos legaes de defeza dentro da ordem, devia attender aos resultados da agressão, os quaes trariam fatalmente uma certa desaggregação, embora transitoria; mas de que os inimigos do partido republicano se haviam de vâler para envolve-lo na censura sobre os processos de liquidação de contas entre correligionarios.

* * *

As aguas ainda estão em ondulação. Um homem cahiu no grande lago e agitou-as.

Elle ficará no fundo, como mereceu, e as aguas volverão á sua habitual serenidade. Afunda-se um homem, mas não se perde um partido.„

Supplemento Litterario

E' hoje distribuido, como haviamos annunciado, o 2.º numero do SUPPLEMENTO LITTERARIO ao POVO DE AVEIRO.

Publica-se no primeiro e terceiro domingo de cada mez.

E' distribuido gratuitamente aos assignantes.

A quem não for assignante do POVO DE AVEIRO, e o pretender, vende-se a 10 reis cada exemplar, ou 300 reis por assignatura annual.

Summario do numero de hoje:

Uma execução em Paris, por Homem Christo, Filho; **Analysando,** por F. M.; **O Passado, o Presente, e o Futuro de Portugal,** por Homem Christo; **Figuras de Paris,** por Homem Christo, Filho; **Alcoolismo,** por Homem Christo; **Vária e Dictos de homens celebres,** por X.

CARTAS LISBOETAS

14 de julho

Inaugurou-se ha pouco em Paris um monumento a Waldeck Rousseau.

Este nome não é, não pode ser desconhecido d'aq. elles que teem seguido com interesse, com curiosidade ou por simples desfastio os successos da politica franceza dos ultimos tempos, e tem um logar á parte no campo da democracia mundial.

A Waldeck Rousseau se deve, a mais do que a nenhum outro a moderna orientação governativa da França, que digam o que disserem politicos despeitados ou criticadores impertinentes, honra os homens extraordinarios que teem gerido os negocios publicos francezes e tem attrahido para a grande republica europeia a attenção respeitosa e a admiração deferente de todo o mundo culto.

Mas Waldeck Rousseau não appareceu desarmado na politica, Waldeck Rousseau não vinha com uma mão atraz outra adeante, guindado pela obra do acaso aos altos cargos da governação. De modo algum.

Precedia-o uma extraordinaria fama como jurisconsulto e dera, na camara, as suas provas como orador. Na camara franceza do tempo de Gambetta que é um pouco differente do nosso S. Bento com os seus gloriosos Pachecos, onde tem assento a erudição regimental do sr. Rodrigues Nogueira e onde é tido como gigante da oratoria o professor Affonso Costa.

Quando o presidente chamou Waldeck Rousseau todos em França, todos os que, mundo-alem, conheciam de alguma maneira a sua figura mental e moral, tiveram a impressão de que alguma coisa de novo se ia passar no tablado politico francez.

A republica não democratisára a França, a França imperial reapparecia na casaca e no aprumo de Sadi-Carnot e no exercito e na armada e em toda a parte o fermento reacciodario produzia seus effeitos, desastradamente.

O bom-senso de Emile Loubet foi procurar o gigante, e aquelle a quem, sem offensa para nenhum outro, se podia, de direito, chamar o maior homem politico da França contemporanea, trouxe para o governo um plano completo de reformas, elaboradas de accordo com o moderno espirito juridico, reformas que honram o ministro, o parlamento e a nação franceza, que honram a sciencia social contemporanea.

A passagem de W. Rousseau pelo ministerio foi um dos factos mais importantes da vida social da França sob a republica e os que se lhe seguiram não foram mais do que os continuadores da sua grande obra encetada—o que, claro, só honra a intransigente audacia de Combes e a energia formidavel de Clémenceau.

E' que elle tinha levado para o governo um plano de governo, o que não é costume fazer-se em outros paizes, como o nosso, por exemplo, onde se pode chegar a ministro com a mesma facilidade com que se consegue um amanuensado ou uma conservatoria.

Loubet tinha deante de si um homem para governar a França e nunca, sob a republica, o governo esteve em melhores mãos . . .

Por isso mesmo agora, ainda tão pouco tempo volvido sobre a sua morte, a nação se associou pelo menos em espirito, a essa divida de gratidão, admiravel paga ao cidadão integro, ao jurisconsulto notavel, ao grande estadista, que, rompendo sereno por entre as luctas formidaveis, chocantes e desencontradas das facções, não se sujou no lodaçal infecto em que se atascam e desapparecem tantos espiritos cultos e caracteres, por vezes, apreciaveis e conseguiu para a sua patria uma vida social nova, cujos resultados beneficos se teem vindo dia a dia accentuando . . .

Não façâmos comparações, não; de modo algum procuremos approximar o estado social, a cultura mental da França com isso a que para ahi se convencionou chamar sociedade portugueza e com ess'outra coisa a que, por ironia ou pelo que quer que seja, se chama intellectualidade portugueza, mas olhemos um pouco para o gigante, de longe, com os olhos de homens que se querem fazer passar por civilisados, olhêmo-lo com serenidade, sem os empertigamentos ridiculos de Cunha e Costa, periquito, fitando Herculano, a aguia, e, depois, consideremos um pouco n'esta miseria caseira, n'este descer continuado, n'esta inequivoca decadencia deploravel.

Emquanto lá fóra preside Waldeck Rousseau, dá aqui as cartas Wenceslau de Lima e quando é preciso ter em França sessenta e tantos annos embora se use o nome de Clémenceau para chegar a ministro, confia-se aqui a chancellaria ao sr. Alarcão. E está tudo dicto. O parallelo basta. Nem se commenta. Nem ha commentarios que tenham, aqui, cabimento.

Mas a França é a França e nós, descendentes dos Gamas e Cabraes, somos aquelles portuguezinhos valentes que desandámos a amar o fado, o vinho e as mulheres porque não tinhamos mais que fazer, ou porque nos não era permittido amar outra coisa?

De accordo. Mas, com os demonios disponiveis de todos os imaginaveis infernos! A França é a França, nós somos portuguezes, mas, mesmo assim, quando formos a escolher um governo lembremo-nos que deve ser para governar.

Pois então que garantias offerece um ministerio dos negocios estrangeiros nas mãos, por exemplo . . . por exemplo . . . de qualquer dos cavalheiros a quem se costuma distribuir pastas? E o ministerio do ultramar, e a fazenda, e outros, e todos, afinal?

Quando essa gente ahi assim fala na França, ou seja para inconscientemente a admirar, ou para facciosa, ridiculamente a deprimir, não dá—francamente—vontade de os correr a todos com um latego? Não se sente indignado o homem que honestamente trabalha e alguma coisa espera do futuro, fiado em si mesmo?

Ao ver o triumpho d'esta mediocridade dominante, assistindo ao desmanchar d'esta feira sem haver um homem que o extrangeiro, d'além-fronteiras, reconheça como *alguem* . . .

O ministro Millerand disse, junto do monumento de W. Rousseau, que alli se deviam todos ir retemperar para a lucta quando sentissem a coragem faltar-lhes, alli junto do homem forte, sabio e bom . . .

E nós, onde iremos buscar encorajamento para a lucta inevitavel, indispensavel, urgente?

Aos Jeronymos, na capella onde está Herculano, perturbar o somno do justo, accordar, inquietar o grande portuguez?

Para quê? Para quê?

Belgavino.

Não estamos d'accordo

Mandam-nos varios artigos contra a *Hespanhola*, como lhe chamam.

Não estamos d'accordo. Sobre quem exerce a *Hespanhola* a sua influencia? Sobre a rainha? Então sejam corajosos e logicos: ataquem a rainha. O contrario é uma hypocrisia e uma covardia.

Atacar os mais humildes e deixar em paz os mais fortes, é commodo, mas não é digno.

Do Paço, ou se ataca o Rei e a Rainhha, ou não se ataca ninguem.

Apesar de todas as cantatas e de todas as mentiras de *irresponsabilidades*, os maiores responsaveis são o rei e a rainha.

Ataquem os dois, primeiro. E depois, sim. Exijam tambem aos outros responsabilidades, se os outros as tiverem.

Teixeira, Alpoim & Costa

Graças á fraqueza d'El-Rei, apossou-se, finalmente, dos sêllos do Estado e do erario nacional, a firma social sob todos os pontos de vista mais damnada, que até ao presente tem parido a politica portugueza.

E approxima-se, rapidamente, o dia, em que a nação ha de declarar se quer ou não conservar no poder os dementados moraes, que, semeando o terror, por intermedio dos seus alliados, com bombas explosivas, comêços de revolta, regicidios e outros assassinatos, prepararam a sua hypothetica dominação, pouco mais ou menos pelos mesmos processos por que, em tempos não muito distantes, o afamado João Brandão, de Midões, conseguia ser recebido e acatado por muitas das principaes familias da Beira.

O fim d'este foi morrer, degredado, nos sertões da Africa; o d'aquelles, qual virá a ser? Di-lo-ha o futuro.

Mas por agora e para já, cuidêmos do que importa, que é guardarmo-nos de taes pervertidos, tendo presente, sempre, no espirito, que ha, no seu grupo, muitos, de taes figados, que seriam capazes de estrangular o proprio pae, se este se atravessasse no caminho das suas ambições.

Trabalhemos, pois, todos, na defeza dos nossos interesses e do bem do nosso paiz.

— Eleitores borrêgos, que vos deixaes levar á urna, em rebanho manso e docil, sob o cajado vigilante do pastor, tresmalhae-vos e fugi, se virdes nas vossas listas algum nome dos que se salientaram nas arruaças parlamentares e nas patifarias politicas e de outra especie.

— Eleitores arranjistas, que vendeis o vosso voto a trôco de promessas mirabolantes, quasi sempre não cumpridas, tende vergonha da vossa venalidade—ao menos por esta vez, em que a honra da patria está periclitante—e não ajudeis criminosos.

— Eleitores commodistas, que não votaes, porque quereis estar de bem com Deus e com o diabo, ponde-vos de mal com o diabo, sequer n'este momento em que a victoria dos processos vis e immoraes tenta firmar-se.

— Eleitores agradecidos, que daes o vosso voto ao sr. Fulano, em paga de um favor que vos fez, em tempo, considerae que a gratidão não pode, nem deve obrigar ninguem a praticar um crime; um crise de lesa-patria.

— Eleitores parranas e mollangueiros, que não ides á urna para não vos incommodardes, ouvi e attendei a voz da vossa consciencia, que a hora é augustiosa e solemne.

Eleitores, de todos os modos e feitios, olhae o futuro que esperaria Portugal, se a turba dos salteadores do mando lograsse consolidar-se no poder! Tremei de o consentirdes.

Se a canalha, que tripudiou ignobilmente sobre os cadaveres de D. Carlos e de seu filho, triumphasse; se o bando infrene, que alcançou o mando por meio de algaradas, alaridos e tumultos, ameaçando o Rei vivo com a sorte do pae e do irmão, conseguisse fincar-se na situação em que o mêdo do chefe do Estado o collocou, ai! de nós todos!

El-Rei, amedrontado—por julgar os que o ameaçavam capazes de tudo—entregou-lhes as pastas da governação publica. E com esta acção offendeu gravemente a consciencia publica, esfriando, quasi de todo, o vivo calor das sympathias e dedicações, com que, devotadamente, a animava, uma grande cohorte de monarchicos independentes e desinteressados.

Mas, se está na alçada legal do Rei confiar a posse do governo a alguem, o que Elle não pode dar *nunca*, o que Elle não pode *nunca* garantir, nem conceder, a nenhum presidente do conselho de ministros, são os meios constitucionaes de se manter no poder.

Esses, sómente os eleitores os podem dar.

Um governo, que não tenha maioria, solida, na camara electiva, é um governo fatalmente perdido.

O Rei quiz acobertar-se com os votos da nação; o Rei *endossou* para nós, assustado, a responsabilidade da condemnação dos energumenos politicos. Por isso, dissolveu a camara e metteu-lhes na mão o manejo da *ignobil porcaria*.

O Rei não cumpriu o seu dever, por mal do seu paiz e em seu prejuiso proprio.

Teve medo de julgar e de pronunciar a sentença; não o tenhamos nós: julguêmos e lavrêmo-la, condemnando quem o merece.

Eleitores borrêgos, eleitores arranjistas, eleitores venaes, e eleitores gratos a caciques sem escrupulos, eleitores parranas, acordae todos, ouvi a voz das vossas consciencias!

Justiça, justiça! eleitores de Portugal!

Um portuguez.

O preço avulso do POVO DE AVEIRO é de 20 reis em todo o paiz.

Successo extraordinario

Continuou tendo um enorme successo o ultimo numero do *Povo de Aveiro*.

Rei de Portugal, abra os olhos!

Carta de Gôa

16-6-910.

Pelas duas ultimas malas chegou respectivamente o n.º 32, de 16 de maio, e o n.º 33, de 23 do mesmo mez, d'*O Colonial*, que se publica em Lisboa. Na infeliz governação d'este Estado aquelles dois numeros fizeram o effeito de duas grandes bombas de dynamite explodidas mesmo no centro do palacio do sr. Governador Geral.

E S. Ex.ª ficou doente.

Mal podia elle com os clamores da imprensa local, e da opinião publica, que levantavam tantas e tantas queixas contra a sua administração. E os numeros d'*O Colonial* vinham da metropole a corroborar as mesmas queixas levantadas quasi que em cada ramo da sua administração, sobre tudo nas Obras Publicas e na celebre administração da Praganã.

Era preciso contrabalançar por qualquer forma. O telephone parecia estalar ao som das campainhas electricas. Os aulicos corriam de uma banda para a outra. Valeram-se de todos os recursos officiaes. O director e proprietario do *Heraldo*, vendo mal parado o caso, luctou extremamente a vêr se passava o p.º. Não lhe largaram a perna.

— Só uma estrondosa inauguração das obras da estrada, ponte de Baga, e da ponte de Bicholim, poderá n'esta crise, contrabalançar as accusações d'*O Colonial*

— Mas estas obras não estão promptas

— Não importa.

E ali está como a inauguração se realisou para se armar ao effeito, e ali está (Heraldo n.º 601) como o dr. Cunha apresenta o primor da sua obra de encommenda.

Na parte da descripção, que se refere á ponte de Bicholim claramente se vê, que falta na obra inaugurada o empedramento na *faixa da rolagem*.

Pela verba orçamental de Obras Pias, poude S. Ex.ª passar em Bardez e Bicholim como esmoler. Os discursos á custa do pessoal da nomeação de confiança; e dos tres apresentados como de particulares, um foi do sr. Epiphanio de Souza, que declara ter *muita pena que esta manifestação seja despida de galas devido á* **falta de tempo**;

e dos tres vivas, um foi para Sua Magestade e dois (dois!!!) para o sr. Horta e Costa. O de Tivim foi uma mensagem anonyma. E o terceiro, do sr. Valerio de Souza, foi uma *saudação e petição!!...*

Este sr. *Valerio* é o mesmo de quem se *valeu* o presidente da commissão municipal de Bardez e seu genro, pretendente á administração das confrarias, para mandar publicar no *Pygmeu*, n.º 661, de 18 de maio ultimo, contra o sr. Horta e Costa a seguinte vergalhada:

" Confrarias das Ilhas

Com a nomeação do sr. general Cesar A. Roncon para o logar de administrador d'estas, consumou-se um acto singularissimo sob muitos pontos de vista por que elle pode ser encarado.

O sr. governador geral é livre para nomear quem quizer porque trata de um cargo de confiança; mas os bons costumes e a praxe são tambem uma lei positiva que obrigam a consciencia humana.

As nossas confrarias nunca careceram de generaes para ser administradas e tambem nunca se nomeou para o logar de substituto do administrador, um general, quando o proprio administrador é um tenente! São noções trivialissimas estas e o sr. conselheiro Horta e Costa não as ignora.

Porem, o paiz commentará devidamente a *causa determinante* da nomeação do sr. Roncon e nós faremos sinceros votos para que S. Ex.ª no occaso do seu governo não tenha motivos para se arrepender do acto que commetteu com escandalo publico. »

Mal o Governador teve d'isto conhecimento mandou, pela administração do concelho, inutilisar a edição e, com a exclusão da local, sahiu depois o n.º 661 para ser distribuido.

Para acabar com taes arremettidas, os governamentaes tomaram por sua conta o *Pygmeu* dando-lhe a direcção *neutral* do sr. Gavinho.

Em nome do presidente da commissão municipal de Bardez foi dirigido ao sr. ministro da marinha o seguinte telegramma:

"Inauguradas hoje estrada Candolim e ponte Baga—Povos Bardez saudam S. Ex.as ministro ultramar e governador geral que muitos melhoramentos teem feito a este concelho.„

Como se vê, o presidente da commissão municipal não deu vivas a El-Rei.

Em um acto publico esta omissão causa escandalo, não pode passar despercebida.

E o sr. Epiphanio de Souza fez outro á imprensa de Lisboa no mesmo sentido.

Mas este sr. Epiphanio é um verdadeiro *anonymo* perante a imprensa e perante o publico!.. Serviu todavia na falta de pessoas autorisadas.

E do mesmo modo se serviram tambem, para se expedir terceiro telegramma, dos nomes de Dessay de Lamgão e *Ranes de Carapur.*

Ranes de Carapur de braço dado com Dessay, com o presidente da commissão municipal e com o sr. Epiphanio, é que se apresentam perante o sr. ministro da marinha como esteios politicos da governação naufragante do sr. Horta e Costa!!

Só este facto basta para mostrar a nullidade do prestigio moral d'uma governação.

O artigo—Inauguração de obras em Bardez e Bicholim—occupando 10 columnas do *Heraldo* n.º 601 é bastante para comprometter a situação.

Depois de tantos fiascos das construcções das obras publicas, o louvor publicado no Bol. Offl. de 14 a favor do sr. capitão Pedro Maria Bessone Basto, director interino das obras publicas, responsavel por todos aquelles fiascos, compromette mais uma vez a governação de S. Ex.ª conselheiro Horta e Costa.

Até á outra.

A. S.

De Lisboa

. . . Sr. Homem Christo.

Parece que d'esta vez vae entrando um pouco de juizo n'algumas cabeças de politicos. Parece que se vão compenetrando dos seus deveres civicos e que teem para com a patria deveres a cumprir. Ser politico platonico, só para figurar e gozar as benesses, é muito commodo, mas não é digno nem platonico. Será util, vantajoso, lucrativo, para muitos, mas é sobretudo vergonhoso.

A politica é a sciencia de bem governar os povos e governar bem é bem raro, deve causar orgulho áquelle que tiver a consciencia de se ter sacrificado pelos seus concidadãos, governando bem o seu paiz, fazendo-o prosperar, progredir, desenvolver, de modo a promover a maior somma de beneficios á massa geral dos seus concidadãos.

Mas quantos teem sido os homens que desejam ser ministro para realisar este programma? Que responda a consciencia publica, pelos resultados que se tem visto. A maioria dos homens que teem sido ministros, sahem mais desacreditados do que estavam, quando entraram, porque não deixaram uma unica prova do seu talento e do seu patriotismo. Deixaram apenas provas da sua inepcia e da sua vacuidade e da sua toleima, pois quando se veem ministros suppõem-se uns entes superiores ao resto da humanidade e para occultarem a sua inepcia tornam-se uns insuportaveis enfatuados que afastam de si até os seus mais antigos amigos.

Mas ia eu dizendo, que parece que o juizo vae entrando na cabeça d'alguns politicos. A colligação liberal, parece que vae sendo uma coisa séria, que se formou para bem do paiz e para fazer despertar em nós todos a comprehensão dos nossos deveres para com a patria.

Foi um movimento altruista que guiou os partidos e os agrupamentos que se juntaram para salvar o Rei da perniciosa *entourage* que o cerca, e o paiz do mais vil, do mais reles, do mais ignobil, do mais asqueroso governo que tem tido desde o advento do constitucionalismo. E o rei cahiu na arriosca que lhe armaram os elementos masculinos e femininos que o cercam e de que é necessario a todo o custo livral-o.

E' necessario que os elementos que se ligaram sejam absolutamente leaes uns para com os outros, que trabalhem debaixo d'um plano commum, que façam o sacrificio de percorrer o paiz em missão de propaganda, não se deixando ficar no doce comodismo de mandar, confiando aos outros o trabalho de agitar e esclarecer o povo.

Os chefes devem ser os primeiros a dar o exemplo, e depois façam ir os candidatos aos seus respectivos circulos, pôr-se em contacto com os eleitores, dizendo-lhes qual o fim, porque solicitam os seus sufragios, os intuitos que os guiam, o que pretendem fazer, quaes os planos que pretendem apresentar, emfim, porque querem ser deputados. Agora não é occasião para os candidatos ficarem repoltreados gosando a frescura das praias e a brisa dos campos á espera que lhes mandem os diplomas a casa, como tem succedido até agora. A epoca é de lucta, de sacrificio, de trabalho e de fadigas.

Querer combater este malvado e nefasto governo só com palavriado de casa, e ás vezes nem isso, não se compadece com o melindre da situação, que é grave. Agora o diploma de deputado, deve ser conquistado á força de muito trabalho, fazendo uma missão de propaganda por todo o paiz, do norte a sul, cada um na região onde tiver amigos e conhecidos, esclarecendo os povos á sahida da missa, como se fazia n'outros tempos e como fizeram muitos ainda hoje vivos e com optimo resultado.

Se querem combater o governo a serio é o que teem que fazer. Deixem-se de platonismos, não queiram enganar mais uma vez o paiz, que já os conhece a todos e não se deixa illudir com cantatas. Lucta é o que se quer, trabalhos a valer é o que se exige. Tudo o que não fôr executar o plano que deixo traçado é para inglez ver. Mandar o candidato trabalhar os outros e elle ficar bem repimpado á espera que lhe mandem o diploma a casa é commodo, mas na conjunctura presente não serve.

Lembrem-se que o governo não tem escrupulos de qualidade nenhuma, é capaz de tudo, de matar, de roubar, de incendiar, de envenenar, de vender até a patria e de agarrar o rei e mettel-o n'um navio para proclamar a republica, para satisfazer os compromissos que tomou com os que o auxiliaram a escalar o poder.

* * *

Sabe-se, ha a certeza, de que teixeiristas e dissidentes, raça vil e ignobil da politica portugueza, teem compromissos com os republicanos para fazerem a republica se o rei hesitar em satisfazer todos os seus caprichos.

O rei está illaqueado, o rei está coacto, o rei está manietado, e, portanto, é necessario que os verdadeiros monarchicos o livrem da infame quadrilha que se apoderou da sua razão, da sua intelligencia, de todo o seu ser. Teixeira de Souza está preso, acorrentado, manietado, arrietado ao Affonso Costa, ha de fazer o que elle quizer, mais a quadrilha do *Mundo*. Senão põem tudo em pratos limpos e Teixeira de Sousa, não é homem que hesite, vae até ao fim, para se salvar ainda que o rei e a patria se percam. Não ha portanto tempo a perder, combatendo na urna para não terem de o combater a bala e á metralha que é mais arriscado, mais perigoso, mais serio.

Aquillo é animal que só a tiro se extermina, senão o aniquillarem a tempo. A lucta na rua é que é o caminho, a propaganda tenaz, constante, insistente é que é indispensavel se as opposições colligadas querem mostrar que trabalham a serio, a valer. Se perdem esta occasião eleitoral, para levantar o paiz contra este malfadado e nefasto governo, não teem outra tão apropriada. Proclamem a guerra eleitoral em todo o paiz, uma especie de guerra santa e verão que o governo não resiste. Na Hungria, houve ha tempo disturbios no parlamento d'aquelle paiz, a tal ponto que teve a camara dos deputados de ser dissolvida. A campanha eleitoral foi tremenda, mas o paiz não elegeu nenhum dos chefes dos arruaceiros; mas para isso foi necessario que os contrarios trabalhassem denodadamente.

Entendo que as opposições colligadas deviam fazer um manifesto ao paiz e espalhal-o profusamente pelas aldeias, as mais sertanejas, até ás cidades e villas, e cazaes, e pedir aos padres que á missa conventual explicassem ao povo o que era o governo; como o rei e a patria estão ameaçados.

Espalhar pelas feiras e mercados, versos allusivos ao caso, fazer com que os cegos cantassem por toda a parte cantigas apropriadas etc., etc.

Assim é que se guerreia um governo de traidores á patria e ao rei, como este que ignobilmente se apoderou dos sellos do Estado para encher a pança aos seus apaniguados. Mas os homens d'hoje, os dirigentes, estão dessorados, teem capilé nas veias, em vez de sangue, são muito commodistas, nada querem arriscar, não servem senão para largar lerias e por isso a quadrilha que os conhece está a rir-se.

* * *

O Popular diz que o Teixeira de Souza é «hoje a figura mais notavel da politica portugueza, o chefe querido do unico partido que ao paiz offerece garantias do seu resurgimento».

Isto nem por troça se admitte! E' caçoar de mais com nós todos!

Toda a gente o considera assim, excepto aquelles a quem elle encheu o estomago, e os que esperam enchel-o.

Não teem escrupulos nenhuns, se lhe for conveniente sacrificar o pae, se ainda o tem, o rei, a patria e tudo para realisar as suas ambições, não hesita um instante. Vende a alma ao diabo, com tanto que o diabo o sirva.

Parece impossivel como o rei se entregou nas mãos d'este tartufo. O Teixeira de Souza, o homem mais notavel da politica portugueza!!!

Ora!!!

Quanto custará esta phrase ao paiz!! Parece impossivel a falta de pudor e de vergonha que esta gente tem! Teixeira de Souza está manietado pelos dissidentes e republicanos do *Mundo*, ha de fazer o que elles quizerem, e faz porque não tem escrupulos, nem pudor, nem vergonha, nem dignidade. Elle não governa, é governado por Affonso Costa e Alpoim, ha de fazer tudo que elles quizerem, dar-lhe os deputados que lhe exigirem, empregar os amigos que elles impozerem.

E' a situação mais deprimente a que um homem pode descer. Mas é presidente e isso lhe basta. Contenta-se, que quando fôr á terrinha lhe repitam o verso:

Viva o sr. Teixeira de Souza
Mais a Senhora D. Emilinha
Elle nasceu n'uma loja
E está hoje ministro da marinha.

Contenta-se com esta apotheose dos patricios. A gloria é para elle e o proveito para os amigos, porque proveito já não necessita para si; visto estar cheio.

A. P.

Provincias

Peniche

No dia 9, pelo meio dia, ouvimos sem querer a seguinte conversa, muito interessante e que dá bem a conhecer que o povo não se desinteressa por completo da politica de cá da terra. Dizia um almocreve a um sapateiro: não sabes quem vem ser *administrador* novo? Então não é o José Accursio? respondeu o outro. Não; é o *Paulos* d'Athouguia.—O Paulo?! Só se fôr administrador por alcunha. Então o José Accursio ia entregar a auctoridade a um galo d'aquelles, e demais a mais d'Athouguia? — E' o que te digo; vem hoje tomar conta da *administração*. E depois o outro começou a fallar mais baixinho na historia d'um pae da filha da mulher d'outro, e d'uma creada, e d'um abôrto, e d'outras coisas que já não percebi.

O Pobre homem não sabia que o José Accursio tinha manobrado assim para agradar ao seu correligionario de fresca data. O dr. naturalmente tinha-lhe dito: olhe que eu quero o Branco da Misericordia para fóra, e não o consigo se você não se propõe para provedor, e então dê a administração ao Paulo e fique você na Misericordia. E assim teve que engulir o Paulo, apesar de o conhecer muito bem, e teve de engulir as listas da Misericordia, porque, apesar de todas as manobras que se descobriram, venceu a lista da opposição.

O que se vê em tudo isto é que aqui não ha partido regenerador, ha é partido de maçonaria barriguista, á qual se devem tres refinadissimas poucas vergonhas: primeira, a transferencia do Serodio d'aqui para as Caldas; segunda, trancar-se o proceso instaurado contra o professor, de quem os paes retiram seus filhos para que elles não aprendam na escola asneiras que não ouvem na rua; terceira, a nomeação d'um administrador que nem exame tem. Só faltou porem o *innocentinho* Marianno enfermeiro do Hospital. Engulam esse marmello crú.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59, João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Amaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27. Tabacaria Machado, Palacio Foz, Praça dos Restauradores, 31 K. Domingos Silva, kiosque do Largo do Intendente.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis; **Vizeu**—Kiosque do Rocio; **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade, **Alvorninha**—Paulino da Silva Mendes. **Estoril**—Alfredo Pinto, Buffete da Estação. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Selxal**—Profirio Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**, (Algarve)—Antonio Anacleto d'Oliveira.

Torres Novas—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo**—Fortunato Reinata. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã**—José da Costa Neves. **Braga**—Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos. **Eivas**—Luiz Samuel da Silva. **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Belarmino Barata **Guarda**—José da Silva. **Arganil**—José Baptista de Carvalho.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Tavira**—Francisco Peixoto. **Alcochete**—Joaquim Valentim. **Santarem**—Vende-se nas ruas. **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Coja (Arganil)**—Antonio das Neves Pimenta—**Castello de Vide**—Antonio Louenço Beliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino.

Louzã—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Carregal do Sal**—Ramiro Paes Esteves. **Colmbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (o *Varino*). **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria.

Vianna do Alemtejo—Joaquim Antonio Carvalho. **Loriga** *(Celia)*—João Mendes Cabral Lages. **Escalios de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**, (Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luiz Fillippe d'Abreu **Bragança**—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar**—Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Paulino Rodrigues d'Almeida **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal**—Augusto Duarte Bento. **Molta do Ribatejo**—Victorino Soeiro.

Ponte do Lima—Estabelecimento do sr. Antonio da Cunha Nogueira. **Povoa do Varzim**—Marques & Carneiro.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Chrysantho Manuel de Mello—Associação dos Empregados do Commercio — Avenida Central, 120; Livraria Schettino—Rua do Ouvidor, 18;—Rua 1.o de Março (esquina da rua do Ouvidor) ponto dos Jornaes; Braz Lauria—Rua do Ouvidor, 181; A. Moura—Rua da Quitanda, 114; Gare da Estrada de Ferro Central.

Manaus—Agencia Freitas.

FOMENTO AGRICOLA

Companhia Internacional de Seguros

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

—*CAPITAL, 600:000$000 RÉIS*—

SÉDE — Rua do Ouro, 292, 1.º

LISBOA

Indemnisações pagas por sinistros desde a fundação até 25 de Abril de 1910:

170:087$055 réis

Seguros de propriedades e moveis; seguros maritimos, agricolas e postaes.

Peçam-se tabellas. Agencias em todas as cidades, villas e aldeias do continente e ilhas.

Aceitam-se agentes aonde os não houver

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.ª SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Guescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a

PEDRO, MIRANDA & C.ª Suc.res

Rua da Picaria, 59—PORTO

Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

Grande Confeitaria Parisiense

Casa fornecedora de lunchs, jantares e soirées no Porto e provincia

BASTO, LEMOS, FARIA & PEDRCSO

167, Rua de Santa Catharina, 171—Porto

Telephone, 533

Casa Damas

Praça de Carlos Alberto — PORTO

O MELHOR ESTABELECIMEETO

de CONFEITARIA, MERCEARIA e VINHOS

Telephone n.º 300 — Adresse — Casadamas

Confeitaria-Restaurante

CASA DE CONFIANÇA

FORNECEDORA DA CASA REAL

Lemos & C.ª L.da

90, Rua dos Clerigos, 94 *Telephone, 868* — **2, Rua do Correio, 12** *PORTO*

Completo sortido de todos os artigos de confeitaria, pastelaria e salchicharia

Almoços das 10 á 1 hora da tarde

Jantares das 6 ás 8 horas

Serviço á lista até uma hora da noite, chá, leite, chocolate, café, cacao e canja de gallinha

A toda a hora

BORGES & IRMÃO

BOMJARDIM — PORTO

Compra e vende papeis de credito e executa todas as transacções bancarias.

Casa Exportadora de VINHOS

Vende vinhos velhos e de consumo, por junto e a retalho e das melhores procedencias.

Typographia a vapor

DO

Povo de Aveiro

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, das casas Bauer, Schelter, Berthol, Klinkardt, Ingenfrost, Dietz & Listing, Albert & C.a, Turlot, se fazem todos os trabalhos typographicos, como livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de visita, bilhetes de estabecimentos, memoranduns, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario e director do *Povo de Aveiro.*

Confeitaria Oliveira, Limt.da

Praça de Carlos Alberto

PORTO

Preferir sempre os lunchs, almoços e jantares de esta casa.

Fornecedor da Casa Real

Telephone n.º 10

JOSÉ DAVID

265 — Rua Sá da Bandeira

PORTO

Molduras para quadros. Estampas em gravura, etc. Chromos para estudo a aguarella. Passe-partout artisticos por medida. Lavagem e retoque de gravuras antigas. Envernizamento de mappas.

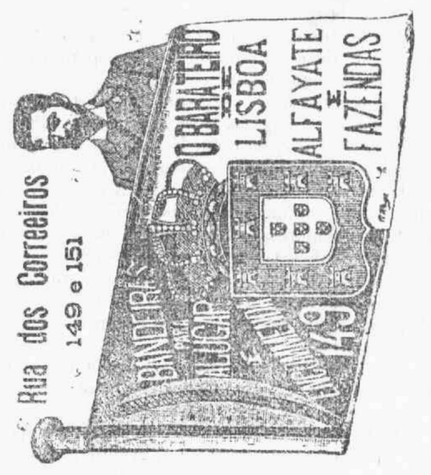
Confeitaria Rio de Janeiro

SANTA CATHARINA, 275—PORTO

—H. Rocha—

Completo sortido de todos os artigos de confeitaria. SALA PARA LUNCHS.

DÃO-SE SENHAS DO BONUS UNIVERSAL



AGUA DA CURÍA

Semelhante á de Contrexéville

Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.

Experimentae a

AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em Lisboa:

Humberto Bottino

Praça dos Restauradores, 31-H

Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Deposito geral:

Rua de S. Paulo, 9, 1.º — LISBOA

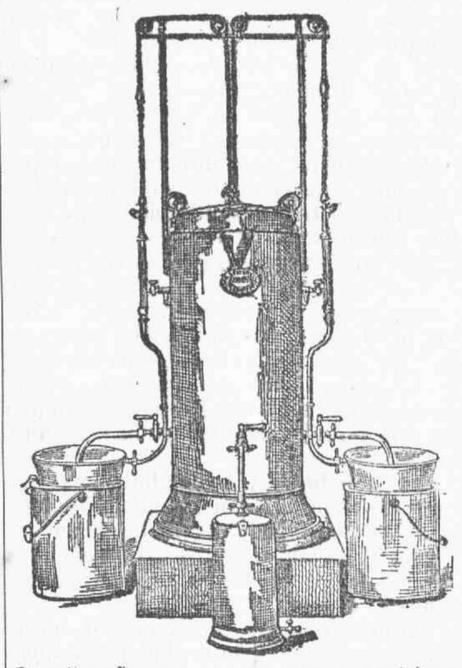
TELEPHONE: 2378

Rua de Santa Catharina, 32, 1.º — PORTO

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 2

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene, Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20
LISBOA

Confeitaria Moreira

253 — Rua do Bomjardim — 257

ESQUINA DA CANCELLA VELHA

PORTO **Telephone: 1220**

E' uma das casas mais bem sortidas — de confeitaria e mercearia — e que melhor serve o publico.

O Povo de Aveiro

Supplemento litterario

Director: Homem Christo

Redactor litterario: Homem Christo, Filho

Numero 2 — Anno I

ASSIGNATURA, ANNUAL . . . . . 300 REIS
AVULSO . . . . . 10 »

Aveiro, 17 de julho de 1910

Summario

Uma execução em Paris	Homem Christo, Filho
Analysando	F. M.
O Passado, o Presente e o Futuro de Portugal	Homem Christo
Figuras de Paris	Homem Christo, Filho
Alcoolismo	Homem Christo
Vária	X.
Dictos de homens celebres	X.

Uma execução em Paris

A noite pesa sobre os homens. As nuvens compactas que se formaram de todos os lados, dão ao ceu uma opacidade cinzenta que torna mais tenebroso o firmamento. A atmosphera pesadissima faz Paris, n'essa noite, irrespiravel . . .

Os relogios marcam meia noite. Os boulevards regorgitam e os automoveis cruzam a cidade em todos os sentidos com uma velocidade vertiginosa. E' a hora da sahida dos theatros. Enchem-se os cafés de lindas mulheres em toilettes magnificas. Os ventiladores electricos trabalham para refrescar as salas e as *terrasses* estão replectas. Discute-se com enthusiasmo os acontecimentos do dia, fala-se de prazeres e, como sempre, os rostos dos parisienses denunciam ancia de volupias. Começa a *vida da noite*. Ha sede de rir e de folgar. O calor excita os animos, incendeia os rostos e incendeia as almas. Ha labaredas nas pupillas ardentes das mulheres, estremecimentos febris, gritos que emmudecem nas gargantas abrazadas. No horisonte fulminam, a espaços, relampagos vermelhos que se reflectem sem cessar nos muros negros da *Prison de Santé*.

A' medida que nos afastamos do centro da cidade diminue o movimento e a illuminação é mais escassa. O edificio da prisão ergue-se, sombrio, na escuridão da noite e o condemnado dorme na esperança do indulto. Perturbam-lhe o somno derradeiro visões amargas e o presentimento do fim proximo.

A sua infancia despreoccupada na aldeia, os batalhões de Africa, a officina, a amante idolatrada, desfilam cruelmente ante os seus olhos em quadros de horrivel agonia que põem contracções dolorosas no rosto energico do prisioneiro adormecido no somno ultimo que a voz do carrasco vem interromper. A figura tragica da velha mãe, dilacerada pelo mais atroz soffrimento que a corações humanos é dado experimentar, abre lentamente a porta chapeada da cella e approxima-se do leito, em silencio. A escuridão profunda não deixa distinguir as formas confusas. Mas os relampagos vermelhos repetem-se no horisonte distante. Um raio de fogo penetra na cella pelo postigo gradeado, illuminando de um jacto a figura tragica da intrusa e o rosto contrahido de Liabeuf. N'um gesto desesperado a desditosa mãe, descobrindo á luz instantanea do relampago a face livida do filho, avança para elle, em dois passos rapidos, os olhos em estertor, os cabellos em revolta, as mãos enclavinhadas n'um movimento de angustia suprema . . .

A garganta enfurecida da velha ulula um grito de felina tortura . . . O condemnado accorda, n'um sobresalto, ferido de subito por aquella voz estranha que soou aos seus ouvidos como um presagio fatal. Ergue-se, percorre a escuridão da cella com os olhos desvairados . . . Ao canto, pregada na parede, olhar de louca, face de morta, corpo descarnado, figura symbolica da dôr, Liabeuf vê o *espectro* tragico d'aquella que fôra sua mãe, tão differente estava dos dias em que, quando em liberdade, a conhecêra! D'um salto lança-se-lhe aos pés, pede-lhe perdão dos soffrimentos involuntarios que lhe tem causado . . . Ruborisa-se, invade-o uma onda de colera e, erguendo-se como que impulsionado por uma força occulta, lança nas trevas e no silencio da noite, parecendo querer desafiar o mundo inteiro, este grito solemne e imperativo que resôa como um echo em todas as cellas da prisão e faz vacillar, sobre os cavallos, os soldados que estacionam em frente do edificio tenebroso.

«Je n'ai jamais été un souteneur. Ils peuvent me guillotiner, ce n'est pas cela qui prouvera qu'on avait le droit de me condamner comme souteneur! Et je vais mourir content, parce que je suis bien convaincu, ma pauvre mère, qu'on me fera justice dans le futur et que vous reconnaissez mon innocence».

Estende os braços para a figura immovel da desditosa mulher . . . quer beija-la . . .

Mas accorda-o um safanão brutal . . . O medico da *Santé*, diz-lhe friamente:

— Tenha coragem!

Rompeu-se o leito de illusões e as sombras desfizeram-se . . .

Ha duas horas que haviam começado os preparativos da execução. A' meia noite a guilhotina era conduzida para o local onde devia funccionar. Uma multidão enorme, ameaçadora e terrivel, enche completamente os *boulevards* e as ruas proximas. O povo operario de Paris accorrera em massa a protestar contra a execução de Liabeuf. Convicto de que se ia praticar uma injustiça, elle alli estava para atroar os ares com vozes de indignação, para affrmar, de uma forma terminante, a sua revolta contra um acto barbaro. Era elle, o mesmo povo grande e generoso de Paris, o heroe sublime da Revolução Franceza, o povo bemdito que derrubou o Castello da feudalidade, que tomou a Bastilha, que apparece sempre onde é preciso protestar contra uma injustiça ou castigar uma infamia, salvar um innocente ou lançar ao Senna o corpo abjecto d'um carrasco.

Abre-se a porta do *hangar* da guilhotina e os dois *fourgons*, conduzindo o primeiro a madeira e o segundo o apparelho fatal, entram na rua Roquette no meio d'um pelotão da guarda republicana a cavallo. Os relampagos esbrazeados que se succedem no horizonte distante, reflectem-se agora nos capacetes metallicos dos soldados e nos rostos convulsionados da multidão. E' um immenso fundo côr de sangue onde se movem figuras demoniacas.

De subito, a multidão comprime-se e agita-se como uma onda enorme. Rompe-se o cordão militar que impede a passagem. A auctoridade vacilla ante o imperio irresistivel, ante a decisão poderosa da massa enorme de povo que se agglomera, e a vaga gigantesca precipita-se para a frente n'um salto iconoclasta. . . O apparelho maldito vae ser feito em pedaços . . . *Viva Liabeuf! A' morte o carrasco!* São milhares de boccas que se abrem proferindo expontaneamente o mesmo grito de vida e de morte, milhares de corpos que se lançam para deante, milhares de braços que se levantam n'um gesto heroico para salvar um innocente! *Viva Liabeuf!* e este berro de alma repercute-se como a badalada d'um sino de bronze. Um novo relampago ensanguenta o espectaculo e é á luz tragica das faiscas electricas que um esquadrão de dragões investe em carga cerrada com a multidão rebelde . . . Sôa um tiro de revolver e um soldado tomba, inerte, mortalmente ferido; mas a carga não se interrompe e a multidão recua offerecendo os peitos ás patas dos cavallos.

— *Viva Liabeuf! A' bas les flics!* e sobre os dragões cae uma chuva de pedras. Entretanto a guilhotina segue pela rua Roquette no meio da guarda republicana e o condemnado morrerá porque o povo não tem força para vencer a força armada.

— *Assassino! Assassino!* grita-se de todos os lados, e é ao som de apostrophes semelhantes que o cortejo chega ao local da execução. O povo ladeia o boulevard Arago e occupa um terreno amplo que dá sobre a praça. Novas forças partem para desalojar os manifestantes e um agente tomba coberto de sangue. Finalmente a cavallaria consegue deter a multidão a distancia, e o cadafalso levanta-se no meio d'um silencio de morte. A noite pesa sobre os homens, as nuvens tornam mais tenebroso o firmamento.

Chega o condemnado. Liabeuf sobe com passo firme os degraus da machina lugubre. Forte, dominador na sua altivez, volta-se para a multidão que assiste ao espectaculo, a distancia, louca de colera suffocada, e, n'uma voz serena e energica que faz tremer os proprios soldados, exclama:

— *Vous allez me guillotiner. Ce n'est pas cela qui prouvera qu'on avait le droit de me condamner comme souteneur!*

Os ajudantes do carrasco empurram-no para a prancha fatal. Estas palavras retumbam no ar como um clamor de justiça e de revolta. Não ha a coragem de perturbar o silencio horrivel. Deitam-no no balancim da guilhotina. Prendem-lhe o pescoço no circulo de ferro e da bocca do infeliz sae ainda esta palavra de odio que a lamina interrompe na descida rapida:

— *Assass . . . !*

Homem Christo, Filho.

Analysando

ALEXANDRE HERCULANO — *Breve escorço de sua vida e obras por AGOSTINHO FORTES. Commemoração do 1.o centenario do nascimento do grande historiador portuguez. — Edição da Empreza da Bibliotheca d'Educação Nacional, 80, Rua do Alecrim, 82 — Lisboa, 1910.*

Sem duvida que, de todos os trabalhos publicados sobre Alexandre Herculano á data do seu 1.o centenario, o mais notavel, pela sinceridade e pela profundeza, é o livro do sr. Agostinho Fortes.

O sr. Agostinho Fortes não é um litterato, não é um estylista, antes por vezes a sua prosa tem imperfeições. Não fez, por isso, uma obra de forma aprimorada, nem mesmo uma obra eloquente ou incisiva, mas a sua falta de recursos artisticos é admiravelmente supprida pela erudição vastissima do illustre professor, pela sinceridade e verdade que põe nos seus livros, pela profundeza com que trata todos os assumptos e pela lucidez esplendida com que os discute.

Assim, e por estes motivos, o ultimo trabalho do sr. Agostinho Fortes é um estudo notavel. Talvez um pouco apaixonado, pois o distincto escriptor deixou-se por vezes levar d'um patriotismo exagerado que poderia ter prejudicado a integridade dos seus fins. O capitulo em que discute a influencia de Herculano no theatro é bem feito, mas, quando lemos a primeira pagina, chegámos a temer que o sr. Agostinho Fortes viesse dizer-nos que elle tinha aptidões theatraes. Felizmente que nos enganámos, pois as suas apreciações são justissimas e collocam, n'esse ponto, Herculano, no logar que lhe cabe. O capitulo *Herculano historiador* pareceu-nos excessivamente resumido e incompleto. *Herculano poeta e christão*, um bello estudo. *Herculano municipalista e economista*, a melhor coisa do livro. Emfim, é um trabalho com muitas qualidades e com alguns defeitos, que

merece ser lido e apreciado pelo publico portuguez ancioso de saber e que tenha a sufficiente independencia e juizo critico para se não deixar levar, em absoluto, pela opinião seja de quem fôr.

Ao sr. Agostinho Fortes muitos agradecimentos pela amabilidade da offerta e muitas felicitações.

UM PAI — *Ante-acto em prosa original portuguez por ARAUJO PEREIRA. Composto e impresso na typographia Ruy Moraes Largo da Conceição, 5 — Ponta Delgada (S. Miguel).*

Araujo Pereira! E' com prazer que deparamos, entre as dezenas de livros que se accumulam sobre a nossa meza de trabalho ha cerca de dois mezes, sem que ainda tivessemos tido o tempo material de os abrir, com um original do conhecido actor portuguez, tão apreciado, quer pela sua intelligencia, quer pelos seus conhecimentos profundos sobre questões theatraes. E é com prazer que nos referimos ao seu nome illustre no theatro portuguez, registando o apparecimento d'uma obra sua.

Araujo Pereira pertence ao limitadissimo numero de actores que n'este paiz se preoccupam com questões intellectuaes e questões sociaes e dos rarissimos que sabe, a valer, não só do seu *métier* mas de todos os assumptos que com elle se prendem. Araujo Pereira comprehendeu, e muito bem, que para ser um bom ensaiador e um bom actor, é preciso ser um homem illustrado. Assim elle é uma pequena encyclopedia, e em qualquer assumpto a sua opinião é sempre interessante e, a maior parte das vezes, aceitavel.

Tendo-se já affirmado como poeta de valor, dá-nos agora um pequeno ante-acto em prosa que se não é uma obra prima revela bellas faculdades. Sinceramente desejamos que as suas duas obras em preparação e já annunciadas — *Vermes* e *Mãe de Deus*, sejam mais uma prova do conceito em que sempre o tivemos.

ALGUMAS HORAS NA MINHA LIVRARIA — *Artigos, notas e apontamentos colligidos por FRANCISCO AUGUSTO MARTINS DE CARVALHO.*

Algumas horas na minha livraria é um livro muito curioso, dedicado pelo illustre general sr. Francisco Augusto Martins de Carvalho á memoria de seu pae, o erudito e valioso jornalista liberal, cujo nome honra as lettras portuguezas. O sr. general Martins de Carvalho que durante tantos annos e tão superiormente dirigiu o *Conimbricense*, de que seu pae havia sido o fundador, é um estudioso, como no-lo mostra o livro que estamos levemente analysando. Debruçado longas horas na sua bibliotheca, que é riquissima, reuniu uma serie de apontamentos e artigos sobre acontecimentos importantes da nossa historia e da nossa litteratura, formando assim um elegante volume e um esplendido repositorio de conhecimentos historicos. Não se pode contestar o alto merecimento d'este serviço que todos os portuguezes ficarão devendo ao sr. general Martins de Carvalho, illustre continuador do velho liberal e erudito que foi seu pae.

Muito obrigado pela valiosa offerta.

F. M.

No proximo numero:
ANGOLA, por Henrique de Paiva Couceiro; A QUESTÃO OPERARIA E O SYNDICALISMO, por Augusto Cesar dos Santos; INÉDITOS E ESPARSOS, por Julio Diniz.

O Passado, o Presente e o Futuro de Portugal

II

Com a queda dos Mouros coincidia a entrada em Portugal de numerosos cavalleiros francezes, aqui attrahidos pelo espirito d'aventura. Poinsard attribue-lhes muita influencia. Comtudo, a sua boa vontade de estabelecer no paiz um regimen serio, e estavel, de trabalho, não conseguiu os desejados effeitos.

As leis da primeira dynastia, leis sabias, destinadas a chamar colonos, a desenvolver o commercio, a industria e a agricultura, ficaram estereis. E ficaram estereis porque o caracter da nação, e o estado social do paiz, se não prestavam, ainda, á constituição d'um povo n'este extremo da Europa.

A nação encontrava-se sempre n'um estado *heterogeneo*. Por um lado, a communidade moura e judia com a sua tendencia *á estagnação*. Por outro lado o typo feudal, importado pelos principes de Borgonha e os seus cavalleiros, com a tendencia primitiva para o *particularismo*. Entre os dois typos e as duas tendencias, uma grande massa de creaturas fluctuantes, desorganisadas, sem raizes de tradicção, sem formação social definida. Tudo isto dominado por um clero inferior sem instrucção e sem influencia, por um clero superior sahido da nobreza, e para o qual a vida ecclesiastica era, exclusivamente, um meio de satisfazer ambições de poderio e riqueza, por uma fidalguia que não podia cultivar a terra, de que estava senhora, por andar absorvida em guerras e rivalidades de mando intestinas. Depois vieram as guerras civis e exteriores, as perseguições religiosas, o abuso dos privilegios da vida militar e da vida religiosa, que completaram a anarchia, desorganisando a familia feudal e a familia communitaria. "E cedo cahiu a nação inteira, ou pouco menos, n'aquelle estado social indeciso, fluctuante, incoherente, que caracterisa os povos desorganisados, e que se continua indefinidamente pela insufficiencia da educação.„

Isto é bem observado, devemos convir, e definido com termos proprios.

Um povo *desorganisado*, assim synthetisa perfeitamente Poinsard, n'uma só palavra, toda a situação moral e economica do povo portuguez.

Um estado *indeciso, fluctuante, incoherente*, que, por **insufficiencia d'educação**, *se continua indefinidamente!*

E' bem observado e bem dicto. Foi e é esse, não ha duvida, o estado social da nação portugueza.

Mas porque se não fez a educação? Poinsard o explica. Porque é inteiramente impossivel fazer e transmittir uma educação, e transmitti-la d'uma maneira regular e permanente, *quando as familias estão perturbadas e desaggregadas pela desordem publica* ou *pelos acasos de uma existencia fundada nos elementos artificiaes, como o privilegio, o favor, as aventuras*, etc. **Só o trabalho estavel, regular, normal permitte ao typo social conservar-se e aperfeiçoar-se.**

Estamos d'absoluto accordo. Nem poderiamos deixar de estar, desde que, annos e annos antes de Poinsard escrever essas linhas, nós sustentavamos no *Povo de Aveiro*, theorica e praticamente, o mesmo principio.

Defendemos sempre a necessidade do trabalho, a necessidade da instrucção e da educação, e a necessidade da ordem publica sem a qual tudo o mais é impossivel, com um methodo, uma tenacidade, uma energia de que mais ninguem usou em Portugal, e que eloquentemente demonstrava que o faziamos em virtude d'uma convicção adquirida e inabalavel. Correlativamente, combatiamos *à outrance*, com uma intransigencia e uma energia que ninguem mais, tambem, ainda ahi egualou, as quadrilhas politicas, os bandos organisados para explorarem a nação, ludibriando a sua boa fé e a sua confiança.

Sempre tivemos uma noção perfeita do mal de que vem enfermando ha seculos a nação portugueza, e da maneira efficaz de o curar.

A nossa campanha, que as almas e intelligencias vulgares accusavam e accusam de *personalismo*, e de ser motivada por sentimentos mesquinhos, era e é uma campanha patriotica, norteada e determinada por principios rigorosamente scientificos.

Portugal lança-se no caminho das descobertas e das conquistas. Apodera-se, para o que muito concorreram as relações que as familias judias e mouras portuguezas conservavam no Oriente, d'uma parte importante do movimento commercial abandonado a pouco e pouco pelos Gregos e os Italianos. Lisboa e Porto tornaram-se as escalas maritimas inevitaveis entre o Mediterraneo e a Europa Occidental. Assim se creou uma classe importante de negociantes e de financeiros, que levavam até ao fundo do Baltico os seus negocios. No seculo XIV os armadores portuguezes exportavam trigo e peixe salgado para Riga; em 1353, Eduardo III concedia-lhes o direito de pesca nas costas inglezas. Mas — segundo Poinsard, pois são as suas opiniões com as suas proprias palavras que estamos vulgarisando — a prosperidade crescente da classe media não tardou a fazer sombra aos homens da Corte e da Egreja, que recearam ser vencidos pelos ricos commerciantes com larga experiencia da vida e cheios de dinheiro. E a perseguição religiosa, acompanhada de *confisco de bens*, começou. O espirito fanatico dominou as multidões. Mas as altas classes eram movidas, sobretudo, por espirito de politica e de ganancia vil. Conseguiram o seu fim. Os judeus e mouros, que não succumbiram á perseguição atroz que contra elles se desenvolveu em Portugal, procuraram asylo na França, na Italia, na Hollanda, na Inglaterra. O desenvolvimento economico, que estava engrandecendo Portugal, mudou-se. Nós decahimos rapidamente, ao mesmo tempo que, rapidamente tambem, os outros povos progrediam.

Mas não foi bastante perseguir os negociantes portuguezes. As classes privilegiadas perseguiram tambem os negociantes extrangeiros. Os nobres não tinham capacidade para o negocio, alem de que a profissão mercantil era para elles desprezivel. Exploravam, pois, as conquistas, só pelo lado administrativo e fiscal. Empregos e impostos. Ainda hoje a norma d'esta terra. Naturalmente, os negociantes extrangeiros foram-lhe no encalce para se aproveitarem das vantagens do commercio. Então Portugal, na sua eterna ancia de ganhar sem trabalhar, decretou o monopolio do trafico entre os paizes snbmettidos e a Europa.

Poinsard observa, e justamente, que d'este facto resultaram duas graves consequencias. Por um lado, Portugal creou inimigos ferozes. Por outro lado, levou para as colonias toda a actividade da nação. Ainda se, ao menos, explorasse as colonias por um trabalho regular e productivo! Mas exgotava-as pelo imposto e pelo roubo, sómente. Ao passo que a industria, o commercio, a agricultura cahiam, no continente, n'um verdadeiro marasmo, pela emigração dos elementos dirigentes, estes não iam procurar nas colonias senão o meio de mais facilmente enriquecerem. Assim se formaram grandes fortunas. Mas, ao lado d'ellas, o povo vegetou na maior ignorancia e miseria.

Aussi, dès le XVIIe s'ècle, on ne trouve plus guère en Portugal que deux classes absolument distinctes l'une de l'autre, la noblesse oisive, et le peuple, paysans ou artisans, laissé entièrement à lui-même et vivant dans l'ignorance, la stagnation, la pauvreté. Si quelques petits fabricants, ou négociants, arrivaient à réaliser une certaine fortune, ils formaient des exceptions trop rares pour composer une nouvelle classe dirigeante capable d'entrainer la population et de la guider vers un regimen économique plus actif et plus prospère.

Chegava o oiro do Brazil. Mas ainda esse só servia para enriquecer as oligarchias poderosas, homens da côrte e da alta burocracia, ou era gasto em "prodigalidades absurdas que iam aproveitar á industria extrangeira„.

Toute troupe, tout groupe a besoin de chefs et de guides. Ici, **ces organes sociaux indispensables ayant failli à leur tâche,** *la nation en était arrivée à se trainer misérablement dans la médiocrité ao moment même où l'or lui arrivait avec la plus grande abondance. Comment pourrait-on mieux démontrer que la vraie richesse résulte d'un travail bien organisé par une nation régulièrement ordonné, bien plus que de l'abondance artificielle de la monnaie.*

Um ou outro estadista illustre comprehendeu o erro do seu tempo e quiz remedia-lo por medidas legislativas e administrativas acertadas. De que valeu? De nada. Di-lo Poinsard, e nós o temos dicto aqui cem vezes respondendo aos que vêem na simples forma de governo remedio para tudo. Aos que apregoam — e são as *altas capacidades* democraticas — que não vale a pena fazer um esforço a bem commum emquanto existir a monarchia, temos nós respondido sempre que a obra da rehabilitação nacional ou ha de ser uma obra de todos, precedendo as iniciativas e as intelligencias individuaes as medidas governativas do Estado, ou essa obra, haja monarchia ou republica, ficará sempre por fazer.

Poinsard, como toda a gente que conhece a sciencia social, affirma a mesma coisa.

Nous pouvons tirer encore de ces circonstances une autre leçon, non moins utile. Pendant cette période, des princes et des hommes d'État éclairés, comprenant l'erreur colossale de leur temps, s'éfforcèrent une fois de plus de ramener la nation dans des voies plus normales, au moyen de mesures législatives et administratives. Le résultat fut à peu près nul, parce que l'organisation du tra-

vail est un fait naturel, qui ne peut se réaliser pleinement et de façon durable au moyen de mesures artificielles. Il faut ici les efforts multiples et harmoniques de la nation entière. Les initiatives partielles et incohérentes d'une bureaucratie n'y ont jamais suffi et n'y suffiront jamais, même sous l'impulsion du génie organisateur d'un Pombal.

Poinsard descreve em seguida, com a mesma precisão e clareza, a situação de Portugal em meados do seculo passado e a situação presente, como veremos no artigo seguinte.

São capitulos muito interessantes, que confirmam a verdade que tantas e tantas vezes aqui temos escripto, isto é, que Portugal, sem espirito d'auctoridade, sem disciplina, sem methodo nem ordem no trabalho nem em qualquer outra manifestação da vida nacional, sem educação, sem instrucção, sem caracter, sempre dominado por bandidos, oligarchias exploradoras, ou quadrilhas politicas indecorosas, é um paiz sem rumo, vogando ha seculos á mercê das circumstancias.

Vive, porque a unica nação, a Hespanha, que tem interesse em nos absorver, é, como elle, uma nação desorganisada. D'outra forma já teria desapparecido, como a Irlanda e a Polonia.

Homem Christo.

Figuras de Paris

OCTAVE MIRBEAU, romancista e dramaturgo notabilissimo, critico de arte de raro merito, gloria authentica da litteratura moderna. Auctor dos romances *Lettres de ma chaumière, l'Abbé Jules, La fille Carmettes, Sébastien Roch, Le Jardin des Supplices, Le Journal d'une Femme de Chambre, Les Vingt et un jours d'un neurasthénique* e de varias peças de theatro das quaes as mais notaveis são *Les Mauvais Bergers, L'épidémie, Le Foyer* e *Les Affaires sont les affaires.*

Foi por uma tarde fria e brumosa de inverno que conheci Octave Mirbeau. Admirador ferveroso do seu talento e da sua forma de fazer arte, tendo lido e estudado profundamente a sua obra, com cuidados de observador honesto e analysta imparcial, era-me extraordinariamente agradavel ter ensejo de conversar e privar com o homem que, ao lado de Anatole France e Gabriele d'Annunzio, mais satisfazia as minhas aspirações de estheta e me sabia dar aquelle frisson *indescriptivel, aquellas sensações de arripio e horror e medo, de que tanto necessita o meu temperamento, para vibrar e produzir.*

Foi por uma tarde fria e brumosa de inverno. . . Deante de nós desenrolava-se o espectaculo maravilhoso do Paris immenso, quasi infinito, com os seus monumentos, as suas estatuas, os seus jardins, os seus bairros de opulencia e de miseria, as suas avenidas, as suas viellas, por onde teem passado gerações de artistas desconhecidos e gerações de artistas immortaes, o Paris phantastico que illumina e perturba os somnos da nossa mocidade, o Paris heroico de Victor Hugo, o Paris tragico de Zola, o Paris miseravel de Jean Lorrain. Cada praça uma evocação, cada estatua uma saudade . . .

Chegamos á rua d'Antin. Lá está, de pé, a casa onde morou Margarida Gauthier. E a figura romantica da heroina de Dumas ergue-se na minha frente, seductora na sua melancholia, adoravel na sua desgraça, como tantas outras encantadoras raparigas que a esta hora desfilam nos boulevards, em automoveis de luxo, que as levam aos grandes theatros a procurar no conforto d'um camarote a alegria que não existe cá fora.

A neve cahe em flocos pesados e já enbranquece de todo os passeios. Mirbeau e eu estamos tambem cobertos de farrapos alvissimos e a casa da Dama das Camelias, no meio de toda esta brancura immaculada, tem o aspecto d'uma virgem sonhadora que entrou n'um recolhimento.

Estamos quasi na praça da Concordia. Os automoveis cruzam-se em todas as direcções e lá dentro, á luz das lampadas electricas, descobrem-se os rostos deslumbrantes de lindas mulheres, cobertas de seda e pedrarias, deixando ver o collo levantado sobre hombros de marfim. Eu paro, contemplando este espectaculo, entontecido pela novidade dos quadros que tanta vez vira descriptos e que, todavia, me chocam e me immobilisam como se jámais os sonhára. Vem-me á memoria aquelle trecho do Calvario, *o livro sublime em que Mirbeau descreve, com o vigor masculo da sua prosa, os trens compactos, cerrados em linhas interminaveis, que passam incessantemente arrastando as mulheres de rapina, as mulheres das carnagens nocturnas . . .*

Marchavamos sem cessar, um ao lado do outro, sem quasi trocarmos uma palavra. Paris produzia-me o effeito d'um conto das Mil e Uma Noites *e todos os objectos, as avenidas, as estatuas, os trens, as arvores, tudo me parecia desmesuradamente grande, phantastico, movendo-se e dançando em face dos meus olhos com gestos excentricos. . . Era uma grande embriaguez. . . E Octave Mirbeau parecia não extranhar o meu silencio. Mostrava-me uma estatua, indicava-me o nome d'uma rua ou d'um café e olhava-me attentamente, observava-me, estudava as minhas sensações sem querer interrompê-las.*

Irreprehensivel na sua sobrecasaca, vestido com a elegancia e a distincção que falta, em geral, aos parisienses, Mirbeau, olhando-me atravez do monoculo aggressivo, assustava-me. Percorri toda a sua obra n'um momento, e procurei identificar aquelle homem cheio de altivez, aquella physionomia ao mesmo tempo sympathica, arrogante e dominadora, com a figura imaginaria que a minha imaginação havia creado. Atravez d'um romance que nos impressiona nós phantasiamos sempre a figura do auctor e procuramos advinhar o seu temperamento. E quantas vezes a impressão é falsa, quantas vezes o contraste é esmagador e a desillusão nos choca! Mas Mirbeau não engana ou, pelo menos, não me enganou a mim. Fui encontrar em Paris, percorrendo commigo os Campos Elyseos, ou no seu gabinete de trabalho, o homem que, atravez de Le Jardin des Supplices *ou de* L'Abbé Jules *a minha imaginação creára em vôos audaciosos. Nervoso, irritavel, soffrendo, sentindo profundamente a Arte, indisciplinado, individualista* enragé, *partidario das mais rasgadas idéas de liberdade e emancipação sem comtudo se enfeudar a nenhuma seita, — não sabendo compôr uma phrase, retocar um periodo menos perfeito, Octave Mirbeau é o escriptor cheio de vigor e de expontaniedade mais capaz de nos dar uma impressão forte, uma commoção profunda, o unico que, actualmente, tem o poder de nos fazer vibrar todo o corpo n'um espasmo de agonia, em contorsões horriveis de tragedia. A sua prosa expontanea, vigorosa sem ser brutal, fere como um estylete afiado e com uma gargalhada sabe derrubar um edificio, com um sorriso de ironia suspende a marcha de um exercito.*

Le Calvaire, *que marca a primeira phase da evolução litteraria de Mirbeau, é um romance de psychologia com paginas admiraveis de estudo em que os caracteres são admiravelmente desenhados. Jean Mintié é o verdadeiro typo do homem arrastado por uma paixão morbida que o inutilisa e o anniquilla para uma vida sã. Juliette a prostituta viciosa que nada commove, nem os rogos apaixonados do amante que tudo lhe sacrificou, nem a dôr, que por vezes sente, da sua propria miseria moral. Linnat, o grande artista que tendo, pelo exemplo dos outros, medo das mulheres como Juliette, não as acreditando nem quando mais terminantes são as suas promessas, quando as suas palavras parecem mais sinceras, acaba, depois de ter visto Juliette anniquilar Mintié, seu amigo intimo, por se apaixonar loucamente por ella, dominado por um sentimento irresistivel, imperioso e fatal.*

Le Jardin des Supplices *é a ultima palavra no vicio, descreve-nos o ultimo requinte da crueldade. E ninguem lerá este livro que se não sinta profundamemte horrorisado pela degeneração de Clara, revoltado contra o seu enthusiasmo criminoso e a sua exaltação sanguinolenta. Paginas formidaveis de intensidade, de vida e frenesi, que nos enchem de febre e agitam, contorcem e rasgam os nossos corpos de anemicos impotentes n'uma crispação physica de dôr, n'uma agonia estertorosa da carne que se revolta, n'um incendio de sangue, n'um paroxysmo de soffrimento desesperado!*

As manias monstruosas de L'Abbé Jules *repugnam-nos. A sua luxuria offende-nos. A sua sede de sangue e a sua sede inexgotavel de prazer irritam-nos. Irrita-nos tudo isto, uma sociedade que chegou a semelhante estado de degeneração, e sentimos em nós, ardente e sincera, a aspiração quasi irrealisavel d'uma sociedade nova, moralisada e honesta. Sem vicio e sem crime. Composta de individuos sãos, bons e perfeitos.*

Le Journal d'une Femme de Chambre *descobre-nos ao vivo a prostituição desenfreada de certas classes burguezas. A luxuria nojenta de velhos prostituidos que se rojam cubiçosos perante a mocidade em flor, de rapazes degenerados que uma educação nefasta acabou de inutilisar, muitas vezes mais incentivos e mais ferozes no deboche que um velho impotente ou que um padre satanico. A falta de convicções, a falta de crenças, a falta de humanidade que caracterisam profundamente esta epocha de baixo utilitarismo.*

Em Les Vingt et un jours d'un neurasthénique, *Jean Kerkonaic, Fartes e Archinard são tres personagens preciosos, tres typos symbolicos d'uma sociedade agonisante. Os seus caracteres, delineados com mestria por Octave Mirbeau, inspiram-nos uma aversão irresistivel e comtudo n'esta obra ha trechos d'uma belleza lyrica sem egual que nos provam a maleabilidade extraordinaria do temperamento artistico do grande escriptor.*

No theatro tem a mestria technica dos grandes dramaturgos e quer na farça, quer no drama, Mirbeau é uma das figuras mais illustres, senão a unica verdadeiramente gloriosa, do theatro francez contemporaneo.

Em toda a sua obra ha o fermento da revolta contra regras estatuidas por estupidas convenções e preconceitos absurdos. E' uma obra de demolição eloquente e vibrante, feita por meio da Arte, unica forma de apressar a evolução dos povos e elevar mais alto o nivel moral e intellectual dos homens.

Na tarde fria e brumosa de inverno em que conheci Octave Mirbeau e percorri, levado pela sua mão amiga, a cidade eterna da Belleza, evoquei, em silencio, a sua obra gloriosa. E quando, embriagado ainda pelo espectaculo magnifico e pelas palavras do mestre, entrei, meio tropego, a porta do meu quarto, senti como elle e sem saber porquê, "essa tristeza comica de sentir-se homem . . . tristeza que faz rir, comedia que faz chorar as almas nobres . . .„

Homem Christo, Filho.

ALCOOLISMO

II

Como muitas vezes succede no *Povo de Aveiro*, o nosso ultimo artigo motivou perguntas, objecções, observações, que nos trouxeram a convicção de que as proprias pessoas cultas conhecem muito menos, do que suppunhamos, o assumpto.

Assim, observam-nos que o mal do alcoolismo é insignificante quando se faz, somente, *uso do vinho*. Pelo amor de Deus, não deixem correr isso como principio! E' claro que não é grande o mal de beber vinho, se se beber *muito pouco vinho*. Mas, repito, pelo amor de Deus não deixem correr isso como principio. Porque vem logo... o abuso do principio. Porque á sombra *d'essa tolerancia* não se bebe um decilitro de vinho, bebe-se um almude d'elle, sempre affirmando que beber vinho não é... alcoolismo!

Foi aos bebedos que eu ouvi dizer isso toda a vida. Isso é argumento de bebedos, senhores! Nunca me passou pela idéa que viesse a ser .. argumento de homens cultos!

Eu tenho lido muito sobre alcoolismo. Sobretudo em revistas. Como se sabe — como sabe quem lê — ha centenas de artigos magnificos sobre alcoolismo nas revistas inglezas, francezas, americanas e allemãs.

São as revistas que melhor nos informam e elucidam sobre o assumpto, porque, alem de excellentes artigos doutrinarios, põem-nos ao corrente, dia a dia, de todo o movimento de propaganda que vae no mundo. Independente das revistas, conheço alguns livros bons sobre a materia, dos quaes o melhor é, talvez, o da bibliotheca socialista ingleza: *Socialism and the Drink Question, by Philip Snowden, London, Independent Labour Party — 23, Bride Lane, E. C. 1908.*

Em nenhuma revista, em nenhum livro eu vi, jamais, deixar de combater esse absurdo. Porque, como em toda a parte ha bebedos, e como em toda a parte ha fabricantes e negociantes de vinho para quem o unico sangue da humanidade é o dinheiro, em toda a parte se tem pretendido fazer vingar o subterfugio, a chicana, de que... beber só vinho não conduz ao mal do alcoolismo.

Vandervelde, no seu livro *Essais Socialistes* (Félix Alcan, éditeur, Paris. 1906) termina o primeiro capitulo dizendo:

Nous pensons, au contraire, que l'alcool, même à petites doses, même dilué dans la bière ou le vin, même pour le travailleur qui ne se trouve pas dans des conditions normales, est toujours inutile à l'organisme, et, le plus souvent nuisible.

Esta é a verdade. O alcool é sempre inutil ao organismo e prejudicial quasi sempre. Vandervelde demonstra-o no capitulo seguinte, intitulado *Le point de vue physiologique.*

Les Documents du Progrès é uma das revistas que publicam *mais coisas* sobre alcoolismo. No numero de janeiro d'este anno dedica-lhe longas paginas

e *boas paginas*. Fecha a série dos artigos um do dr. Félix Regnault, sob o titulo *Quelques opinions sur l'alcool et les excitants nerveux*. E n'elle trata o auctor a questão das *doses*.

Que o alcool, escreve, seja um veneno tomado em grandes doses, nem os seus partidarios já contestam. Apenas pretendem que não só não faz mal, como faz bem, *usado com moderação*. Mas o que quer dizer *usar com moderação?*

Je me souviens que, lorsque j'étais interne á l'hôpital, j'entendais les alcooliques les plus invétérés, même ceux qui avaient le délirium, affirmer n'avoir jamais fait abus de l'alcool. Étant donnée la nature de l'homme, qui trouve toujours des excuses à ses vices, les abstinents, qui proscrivent totalement l'alcool, paraissent avoir raison, au point de vue pratique.

Tal e qual. O que o dr. Regnault viu e ouviu nos hospitaes, tenho-o eu visto e ouvido cem vezes fóra dos hospitaes. Bebedos incorrigiveis, homens *completamente inutilisados* pelo uso e abuso do alcool affirmar que nunca *abusaram* do alcool. Como só bebem vinho, ou principalmente vinho, nunca... abusaram do alcool! Vinho não é alcool!

O dr. Regnault publica a opinião do dr. Richet, do dr. Grasset, do dr. Gilbert, do dr. Roger, do dr. Brumon e do celebre bacteriologista Metchnikoff. Para o primeiro o alcool não faz mal, comtanto que não se passe de 10 centimetros cubicos em cima do jantar. Elle, porem, bebe *só agua*. O segundo reprova todas as bebidas alcoolicas, excepto, em quantidade moderada, *vinho com agua*. O terceiro acha que o alcool é alimenticio, mas em *quantidade moderada*. Parece gostar da pinga. E' suspeito! O quarto reprova **absolutamente** o alcool. O quinto, muito conhecedor do assumpto, porque é professor da Universidade e medico em Rouen, uma das regiões mais intensamente invadidas pelo flagello em França, reprova **absolutamente** o alcool. O celebre Metchnikoff é da opinião dos dois ultimos. Nem mesmo **em doses minimas** admitte o uso do alcool. E o dr. Regnault, abundando nas opiniões de Metchnikoff, e sendo certo que é indefinida, vaga, tola, e por isso mesmo perigosa, a expressão *uso moderado do alcool*, acaba, tambem, por reprova-lo abertamente, quer em doses minimas, quer em doses maximas.

Qui d'entre vous n'a remarqué, dans son entourage, des gens excités, nerveux, irritables, mécontents, voire hypondriaques, et misanthropes? Ils sont par surcroit rhumatisants, se plaignent de douleurs articulaires, de migraines, de dyspepsie. L'alcool, même à faible dose, est un poison pour leurs nerfs. Ils s'imaginent y trouver un tonique, un réconfortant, ils ne se procurent qu'une excitation passagère, à laquelle succède une lassitude plus prononcée. Ils s'imaginent qu'ils pensent mieux, qu'ils écrivent mieux, qu'ils travaillent mieux grâce à cette boisson. Leurs pensées sont, au contraire, plus illogiques, plus incohérentes, leur style plus relâché, moins correct, leur travail moins ordonné. Mais ils ne voient rien de tout cela.

Intellectuels, méfiez-vous de l'alcool!

Laitinen d'Helsingfors tratou proficientemente esta questão das doses minimas no congresso internacional de Stockholmo, reunido de 26 de julho a 3 d'agosto de 1907. Para demonstrar que as bebidas alcoolicas, tomadas em dose moderada, não eram beneficas, e nem sequer inoffensivas, Laitinen começou por fazer experiencias sobre os animaes, coelhos e cobaias. Sacrificou 500 a 600 d'estes animaes. Prolongou as experiencias por 300 dias, approximadamente. E viu que a influencia de doses fracas, doses fraquissimas, sobre os animaes, era manifesta. Sobretudo na descendencia.

D'essas experiencias não se poderia tirar uma conclusão definitiva quanto ao homem. Mas todas as observações feitas sobre este levam a acceitar como verdadeiras, em relação á nossa especie, as experiencias feitas sobre os animaes.

E' uma questão muito séria, muito grave, gravissima, inteiramente abandonada, como já dissemos no artigo anterior, em Portugal. E, todavia, o alcoolismo tem-se desenvolvido assustadoramente nos ultimos annos.

Veremos, no decorrer d'estes artigos, a campanha formidavel que, contra o alcoolismo, se tem feito lá fora. A importancia extraordinaria que, em quasi todas as nações, se vae dando a este assumpto.

Não seria tempo de nós accordarmos?

Homem Christo.

VÁRIA

Gabriele d'Annunzio

O grande escriptor italiano não é, como muita gente julga, um egoista, nem a vaidade o assoberba, como se suppõe. Como homem superior, tem a consciencia do seu valor e o orgulho legitimo n'um cerebro da sua envergadura. A sua grande experiencia da vida faz com que elle se dedique pouco, e seja, por vezes, excessivamente reservado. Mas se se logra entrar na sua intimidade, preenche-se um logar na sua vida e o grande poeta é amigo dedicado do seu amigo.

Dias antes do nosso redactor litterario sahir de Paris, dizia-lhe Gabriele d'Annunzio, no seu esplendido salão do Hotel du Grand Condé, em Chantilly, onde se acha hospedado:

—"O que eu amo mais na vida é vêr triumphar um dos meus amigos. E quando encontro um homem com um verdadeiro e solido talento, seja na litteratura ou em qualquer ramo da Arte, que precise d'um auxilio para vencer, ninguem mais depressa do que eu corre a estender-lhe a mão sollicita e a prestar-lhe todos os serviços. Se essa creatura sabe corresponder á minha sympathia e é capaz de me comprehender, occupa desde esse dia um logar permanente na minha alma e os seus triumphos e as suas derrotas affectam-me como se fôra eu que as soffrera. Creio que lhe não faltam provas, não é verdade?„

Assim é, de facto. Gabriele d'Annunzio é uma grande alma que não cuida somente da sua gloria. Para proval-o basta dizer que elle consagrará o outomno proximo á direcção da *mise en scène* de *L'Esclave*, de Ricciardi, o illustre poeta dos *Abruzzos*, seu discipulo, que creou o *theatro de côr*. E apezar dos encargos collosaes que tem actualmente, pois é no inverno do anno de 1910 que deverá representar-se no *Vaudeville* a sua annunciada peça, Gabriele d'Annunzio ficará no outomno em Paris para não desamparar o seu discipulo que é, ao mesmo tempo, um dos seus maiores amigos. Ricciardi sabe bem quanto vale o auxilio e a protecção do maior poeta d'Italia.

❊

Grandes povos!

Quando se estuda, quando se observa, quando se vae ao extrangeiro para conhecer, para saber e não exclusivamente para gozar, estupidamente, os prazeres vulgares da vida quotidiana nas grandes cidades, nota-se, com uma flagrante brutalidade, a differença que existe entre a civilisação portugueza e a dos outros povos da Europa, exceptuando a Hespanha e a Russia, que, ao nosso lado, fazem um pittoresco *trio* de povos barbaros.

Não sabemos se os leitores de *O Povo de Aveiro* conhecem os resultados do plebiscito organisado pelas sociedades anti-alcoolicas da Suecia, que acaba de encerrar-se. Estas sociedades, em face dos protestos que d'alguns pontos se levantaram contra a prohibição do alcool, resolveram consultar o conjuncto da população, homens e mulheres maiores de 18 annos, sobre este assumpto. E, n'uma só provincia, receberam as sociedades anti-alcoolicas da Suecia cerca de 100:000 respostas affirmativas contra — calculem! — 644 votos negativos. Nas outras communas, 96 por cento dos habitantes manifestaram-se calorosamente contra o alcool deixando pois os alcoolistas n'uma vergonhosa minoria.

Eis o motivo, entre muitos outros, porque uns povos marcham, umas raças se fortalecem, emquanto outros retrocedem e as suas raças morrem.

❊

Companheira de miserias

Incontestavelmente nascemos um para o outro. Portugal faz com a Hespanha um *pendant* delicioso em questões de liberdade, de instrucção, de economia, de alimentação, de arte, etc.

Somos nós e a Hespanha os dois paizes do mundo onde são mais caros os generos de primeira necessidade. O leite, como o petroleo, custam, n'algumas cidades, 200 reis e 250 reis o litro. O assucar custa, em Tarragona, 700 reis o kilo. E todos os generos de primeira necessidade são muito mais caros em Madrid que nas principaes cidades da Europa.

Em compensação as facadas ... são a menos de real.

Et voilà le progrès.

❊

O cinematógrapho e o phonographo na escola

Emquanto os nossos governos se occupam de saber quaes os meios de mais facilmente e com maior exito roubar as urnas e vencer as eleições, e os nossos revolucionarios pensam na forma de enganar maior numero de incautos com balofas e falseadas divisas, procura-se, nos paizes civilizados, aperfeiçoar as escolas, desenvolver a instrucção, descobrir os methodos e processos pedagogicos que impulsionem a cultura e progresso dos povos.

Discute-se, actualmente, nos meios scientificos, as vantagens e os inconvenientes da applicação á escola do cinematographo e do phonographo, aparelhos que já teem prestado relevantes serviços a professores audaciosos que, na America e na França, ousam servir-se d'elles com este fim. Com effeito o cinematographo, desde que se descobriram os fios *ininflamaveis*, não offerece já nenhum perigo e poderá ser um auxilio valiosissimo para a instrucção, sobretudo nas escolas primarias. Assim por este meio poderiam os professores, como com successo já foi tentado na America, illustrar todas as lições de coisas, mostrando ás creanças as plantas, os animaes, as cartas e relevos geographicos, sem as fatigar, antes proporcionando-lhes um agradavel divertimento.

Quanto ao phonographo, é muito concludente a experiencia feita por um professor francez que encontramos relatada n'uma importante revista de Paris. Elle tinha feito decorar aos seus alumnos a celebre poesia de Henrique Heine — *Os Dois Granadeiros*. Tempos depois fez-lhes ouvir, graças ao phonographo, a mesma peesia cantada por um artista, com a melodia de Schumann, e foi então que os rapazes comprehenderam o alto valor litterario da obra que de todo lhes havia passado despercebido. Tirando-lhe o caracter escolar, o caracter livresco, as creanças souberam sentir e apreciar as bellezas que encerra a conhecida poesia de Henrique Heine.

Se os nossos pedagogos se resolvessem a estudar, em vez de perder o tempo em congressos e patuscadas semelhantes!...

❊

Os theatros de Paris

Pela primeira vez a receita bruta dos principaes theatros e espectaculos de Paris, attingiu uma somma superior a 50 milhões de francos. Isto significa que os parisienses amam cada vez mais a arte e contribuem para o seu progresso e aperfeiçoamento, ao contrario do que succede entre nós, onde os theatros de Lisboa estão quasi ás moscas, excepto quando estão vasios.

Em Paris, a Opera Comica, que bateu o record, teve uma receita de 3.634:000 francos. Em segundo logar ficou a Opera com 3.150:000 francos, em seguida o Odéon com 2.634:000 francos e o Theatro Francez com 2.295:000 francos.

Assim vale a pena ser actor e ainda mais... ser emprezario.

Dictos de homens celebres

La Champmeslé perguntou um dia a Racine porque era que a *Judith*, do abbade Boyer, applaudida antes da Paschoa, era pateada depois da Paschoa.

Racine respondeu:

C'est que pendant le carême les sifflets étaient à Versailles, au sermon de l'abbé Boileau; ils en sont revenus avec la fin de la station.

❊

Diz-se que o abbade Roquette foi o modelo do Tartufo, de Molière. D'esse Roquette dizia Boileau:

On dit que l'abbé Roquette
Prêche les sermons d'autrui;
Moi qui sais qu'il les achète,
Je soutiens qu'ils sont à lui.

AVISO

N'este jornal analysam-se e publicam-se estudos criticos sobre todos os livros dos quaes nos forem enviados dois exemplares. Não se fazem referencias ás obras de que nos seja remettido um só exemplar.